

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO  
"CULTURA MATERIAL E CONSUMO: PERSPECTIVAS SEMIOPSIKANALÍTICAS"

TAMIRIS OLIVEIRA

**O CONSUMO DE PODCASTS NA SOCIEDADE DA PRODUTIVIDADE**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

São Paulo  
2021

TAMIRIS OLIVEIRA

**O CONSUMO DE PODCASTS NA SOCIEDADE DA PRODUTIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”.

Orientador: André Peruzzo

São Paulo  
2021

Dedico este projeto aos meus pais por todo o apoio, suporte e incentivo.

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais por nunca terem medido esforços para me proporcionarem a melhor educação.

Agradeço aos amigos pelo incentivo e por toda a troca de conhecimento.

Agradeço ao orientador pela paciência e pelos ensinamentos.

“O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro”.

“Terra sonâmbula”, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

## Resumo

A revolução Pós-Industrial trouxe mudanças profundas no modo de trabalho e também na estruturação social, afetando diretamente a produção do sujeito moderno. Esse trabalho faz uma análise através de revisão bibliográfica, pesquisa teórica para análise de dados e entrevistas em profundidade sobre a geração de produtividade via escuta de podcasts em uma sociedade do consumo e do trabalho, onde em cada momento deve-se estar gerando conhecimento e aprendizado, pois não há possibilidade de viver o ócio e o lazer sem vivenciar a sensação de “tempo perdido” em uma sociedade que cobra uma produtividade e expansão diária do ser humano.

Para este estudo foi realizado uma pesquisa qualitativa com 5 entrevistados escolhidos de modo arbitrário, sendo o único critério de escolha a escuta de podcasts via plataforma Spotify. Com um roteiro base e uma análise das respostas dadas, relativizando com todo o conteúdo teórico desta pesquisa, foi possível observar que podcast não é visto como lazere/ou ócio, mas sim como mais uma atividade a ser cumprida entre tantas outras: a de estar bem-informado, e de suprir uma demanda de tempo que exigiria atenção plena caso fosse realizada por outra mídia, como a televisão ou o jornal impresso.

**Palavras-chave:** Produtividade; Podcast; Sociedade do Trabalho; Consumo.

## **Abstract**

The Post-Industrial revolution brought profound changes in the way of working and in the social structures, directly impacting the production of the modern subject

This work makes an analysis through bibliographic revision, theoretical research for data analysis and in-depth interviews on the generation of productivity by listening to podcasts in a society of consumption and work, where each moment should be used to learn and to create knowledge, as there is no possibility to live and enjoy idleness and leisure without feeling that one is "wasting time" in a society that demands constant productivity and daily expansion of the human being.

For this study, a qualitative research was carried out with 5 interviewees chosen in an arbitrary way, the only choice criterion being listening to podcasts via the Spotify platform. With a base script and an analysis of the answers given, relativizing with all the theoretical content of this research, it was possible to observe that podcasts are not seen as leisure and/or idle, but as yet another activity to be performed among many others: that of being well-informed, and to meet a demand for time that would require one's full attention if performed by any other type of media, such as television or newspaper.

**Keywords:** Productivity, Podcast, Work Society, Consumption

## Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução . . . . .</b>	<b>8</b>
<b>1.1</b>	<b>Estrutura . . . . .</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>Tempo de Lazer e Tempo de Trabalho . . . . .</b>	<b>9</b>
<b>2.1</b>	<b>Significando o ócio . . . . .</b>	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>Intensificação da necessidade de produtividade .....</b>	<b>12</b>
<b>2.3</b>	<b>O Tempo de Kronos e Kairós .....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>Análise do contemporâneo a partir das relações entre produtividade e consumo.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1</b>	<b>Acumulação de capital .....</b>	<b>16</b>
<b>3.2</b>	<b>O consumo ligado aa valores e significações .....</b>	<b>16</b>
<b>3.3</b>	<b>Transformação do consumo com a evolução da sociedade contemporânea.....</b>	<b>18</b>
<b>3.4</b>	<b>Percepção do consumo pela sociedade.....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>Consumo de áudio digital, podcasts e plataforma.....</b>	<b>22</b>
<b>4.1</b>	<b>Streaming permite o desenvolvimento de produtos de nicho .....</b>	<b>27</b>
<b>4.2</b>	<b>Spotify.....</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>Procesos metodológicos .....</b>	<b>29</b>
<b>6</b>	<b>Análise.....</b>	<b>32</b>
<b>7</b>	<b>Conclusão .....</b>	<b>34</b>
	<b>Referências .....</b>	<b>36</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>40</b>
	<b>ANEXO 1 - Roteiro-base .....</b>	<b>41</b>
	<b>ANEXO 2 – Transcrição das entrevistas.....</b>	<b>42</b>



## 1 Introdução

A Revolução Industrial trouxe mudanças profundas no modo de trabalho e também na estruturação social, afetando diretamente a produção do sujeito moderno. Com isso, o tempo livre, o ócio e o lazer passaram a ser questionados dentro deste novo contexto social.

O avanço das tecnologias e expansão da internet trouxeram novos e diferentes estímulos à necessidade de produção do ser humano. E em paralelo, percebeu-se uma distribuição nos momentos de escuta de podcasts e também de seus gêneros, abrindo então uma brecha entre a relação de produtividade e do consumo dos podcast para suprir essa demanda.

No livro “A Sociedade do Cansaço” (2015, p. 40) de Byung-Chul Han, o filósofo afirma que “há uma angústia de não estar fazendo tudo o que poderia ser feito”. E com isso, ao “alienar-se de si mesmo”, os efeitos no físico podem se traduzir como um exagero de consumo de entretenimento. Tentamos então ser produtivos à todo o tempo e de diferentes formas. Nesse contexto, o tema escolhido para esta pesquisa é a produtividade por meio do consumo de áudio digital, mais especificamente os podcasts.

Segundo pesquisa do IAB Brasil e da Nielsen sobre os impactos da Covid-19 no investimento de mídia no Brasil em 2021(IAB BRASIL, 2021), houve alterações nos últimos dois anos nos hábitos de consumo de áudio. Atualmente, 66% das pessoas consomem mais de 1 hora de áudio digital diariamente. Em específico, o consumo de podcast viu uma dissolução dos seus momentos de escuta, passando de 79% de distração e relaxamento em 2019 para 49% em 2021, redistribuindo a porcentagem para outros momentos como, 26% trabalhando, 12% fazendo exercício e 17% outros.

Com o objetivo geral de analisar os hábitos de consumo e os gêneros de podcats pelo usuário, relativizando com ócio, lazer e tempo livre na sociedade da produtividade, verificando também o consumo de áudio digital e podcasts, de modo a compreender as motivações e rituais de consumo e a relação entre produtividade e consumo no mundo contemporâneo juntamente com a sua associação ao tempo dedicados aos afazeres diários, essa pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica, pesquisa teórica para análise de dados e entrevistas em profundidade a fim de responder “Qual o objetivo do consumo de podcasts durante os afazeres diários? E como isso se relaciona com a exigência da produtividade na contemporaneidade?”

Este trabalho resultou em uma análise sobre a geração de produtividade via escuta de podcasts em uma sociedade do consumo e do trabalho, onde em cada momento deve-se estar gerando conhecimento e aprendizado, pois não há possibilidade de viver o ócio e o lazer sem vivenciar a sensação de “tempo perdido” em uma sociedade que cobra uma produtividade e expansão diária do ser humano,.

No primeiro capítulo é construído uma relação entre o tempo de lazer e o tempo de trabalho através da significação do ócio, da intensificação da produtividade e também com uma análise sobre o tempo de Kronos e de Kairós. Nesse capítulo são abordados teóricos como Foucault, Masi e Fradua e Cabrera.

Já no segundo capítulo, Marx é abordado a fim de justificar a acumulação de capital em um análise do contemporâneo a partir das relações entre produtividade e consumo, com Baudrillard justificando as necessidades do consumo. Barbosa e Campbell, assim como Douglas e Isherwood fundamentam o consumo contemporâneo para enfim adrentarmos no consumo de audio digital e podcasts no terceiro capítulo.

## 2 Tempo de Lazer e Tempo de Trabalho

### 2.1 Significando o ócio

A sociedade industrial tornou-se uma sociedade do tempo, em que os novos modos de fazer e de transporte trouxeram consigo a precisão do relógio. O geógrafo Milton Santos desenvolveu a expressão conceitual *aceleração contemporânea* (SANTOS, 1994) para descrever uma aceleração da história que ocorre devido ao surgimento de novas técnicas e tecnologias, que ensejam a produção de novos eventos e de modo intenso. Vivemos atualmente este momento, comandado pelas tecnologias da informação, em que os signos chegam por meio de imagens e sons eletrônico, construindo um mundo fantástico acessível a todos pelo consumo. Este que Antas Jr. chamou de *wonderful world* (ANTAS JR., 2007) é o motor da insatisfação crônica que acomete todos os indivíduos com acesso à informação.

Com isso, o corpo se tornou a principal estratégia de acumulação de capital neste período (FOUCAULT, 1987). Se no início do desenvolvimento do capitalismo o trabalhador necessitava ser disciplinado para as jornadas de trabalho na produção, atualmente precisa ser disciplinado em seus gostos e hábitos, a fim de favorecer a acumulação ampliada. Dessa forma o *consumidor mais-que-perfeito*, conceito também criado por Santos (1987) para descrever o paradoxo de ser-se cidadão e consumidor, busca ter tudo o que possa dar status superior.

O interesse em aumentar a produção após a Revolução Industrial levou ao aumento do número de horas de trabalho. Os trabalhadores então passaram a lutar por um descanso mais justo, aumentando o tempo de não trabalho para evitar um desgaste excessivo. A partir daí se desencadeia uma luta frenética entre a classe de empregados e empregadores.

Os modelos fordistas e tayloristas reorganizam e imprimem nos trabalhadores um grau de intensidade sempre crescente. O método de organização e controle dos desperdícios presente no Toyotismo, modelo que aperfeiçoou os anteriores, transformou os japoneses nos campeões de produção e de “redução do trabalho sem valor”.

*“O tempo livre, o tempo de não trabalho, passa a ser engolido pelo trabalho. A tecnologia que poupa trabalho está falhando em liberar aqueles que trabalham.”* (ROSSO, 2008)

Nesse contexto, movimentos e reivindicações de trabalhadores levaram ao artigo 24 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, que marca o direito de todo assalariado a usufruir de descanso e desfrutar do tempo livre em suas férias periódicas.

Para o sociólogo Costa (2017), o modo de produção capitalista sempre teve como tarefa central a domesticação do tempo livre do trabalhador. Enquanto isso, a compreensão do ócio se reformula ao longo do tempo, adquirindo novas significações e releituras que permeiam as condições do contexto social vigente.

A popularização do termo livre acabou por confundir o sentido do ócio ao relacioná-lo com o tempo de descanso necessário para recuperar-se do tempo de trabalho (REFLEXÕES... , 2015). Para Prata (2012), o conceito de ócio estava relacionado a aspectos psicológicos, como bem-estar e satisfação de necessidades psicológicas. Essa visão é uma referência norte-americana que reflete uma perspectiva subjetiva do ócio. Os pressupostos dos autores fundamentam que o desfrute do ócio ajuda a satisfazer as necessidades psicológicas básicas e que a satisfação proporcionada pelo ócio permite a vitalidade do homem e de seu crescimento pessoal.

Conforme Alday e Ara (2012) afirma, foi no século XXI que a economia e o ócio começaram a se relacionar, sendo representada na vivência da experiência do ócio em práticas esportivas, turísticas, lúdicas, culturais e de entretenimento e também em produtos e serviços e nos meios de comunicação, por meio do uso constante e massivo das tecnologias da informação e da comunicação.

A pesquisa de Fradua e Cabrera (2012) indica uma significativa relação entre a vivência e a percepção do trabalho remunerado e a significação outorgada ao ócio. Através de um questionário aplicado, as autoras limitaram o significado atribuído ao tempo livre/ócio na definição das seguintes opções: “relaxar-se”, “conhecer gente agradável”, “fazer o que eu quero” e “aprender algo”. Essas quatro definições se referem a diferentes formas de entender o tempo livre/ócio: como momento de descanso e desconexão; o ócio vinculado a relações sociais; o ócio associado a um comportamento individualista e mais isolado, liberado de controles hierárquicos; e por último, o ócio como um tempo também produtivo e de enriquecimento pessoal através da formação e aprendizagem.

Diferentes padrões culturais e diferentes níveis socioeconômicos e de bem-estar sociopolítico enfatizam a relação entre trabalho e ócio. As autoras observam que as novas gerações e também aqueles que possuem estudos no nível secundário e superior são os que valoram, em maior medida, o ócio. Isso ocorre pois há uma atribuição diferente entre a significação e definição do ócio, ligada não à sobreposição a outros tempos, mas a um tempo que seja ativo.

O ócio tem diferentes práticas entre os coletivos, como, por exemplo, ócio e juventude; ócio e gênero; ócio e terceira idade; ócio em contextos espaciais; ócio urbano; ócio em espaços naturais; ócio digital e as práticas do ócio na vida cotidiana.

O ócio digital vem sofrendo evolução frente ao uso massivo e constante das tecnologias da informação e comunicação. Segundo Álvarez, Sintas e Samper Martínez (2012) as tecnologias digitais têm facilitado o desenvolvimento de novas atividades de ócio, como os jogos digitais, os espaços de interação e comunicação social em rede, assim como os reprodutores de músicas e audiovisuais, leitores de livros eletrônicos, entre outros. Esses meios vêm transformando as atividades tradicionais e alterando as dimensões do ócio, incorporando uma nova atividade com valores opostos onde a experiência de ócio pode ter lugar em um mundo natural e em outro construído digitalmente.

*“As redes sociais, o telefone móvel e seus aplicativos, a mensagem instantânea, executar e compartilhar música digital são atividades que especialmente os jovens desenvolvem durante seu tempo de ócio, não somente para entreterem-se como também para construir sua identidade social, compartilhando símbolos e significados” (ÁLVAREZ; SINTAS; SAMPER MARTÍNEZ, 2012)*

No desenvolvimento do *ócio criativo*, Masi (2001) afirma que o é necessário voltar-se para a obtenção da maior quantidade de ideias no menor tempo possível, pois no mundo da tecnociência, a produção de conhecimento adquiriu um enorme valor econômico.

*“para a constante otimização desta relação produção-tempo em setores como o design, a moda, o cinema, o turismo, a pesquisa científica, a inovação tecnológica e a new economy, devemos aplicar hoje a mesma obstinada economia científica usada por Taylor em sua época” (MASI, 2001)*

Atrás do conceito de *ócio criativo*, esconde-se então o *ócio taylorizado*, em que a esfera da produção se estende da organização do tempo de trabalho à organização de todo o tempo de vida (LAZZARATO; NEGRI, 2001).

Proporcionada pela produção flexível, a junção entre trabalho e vida acaba por transformar o ambiente doméstico em espaço de trabalho e possibilita àquele que trabalha com ideias o possível exercício em tempo integral a sua criatividade.

Ocorre então um avanço da colonização do tempo livre pelo tempo de trabalho, ou seja, a ocupação prazerosa do *ócio* pelo trabalho mental suave, que podemos chamar de *ócio ativo*.

O *ócio* teve diferentes sentidos atribuídos ao longo da história. Foi na Idade Moderna que o *ócio* se tornou sinônimo de degradação, pois passou a ser visto como antitrabalho e improdutivo em uma época que os princípios éticos-religiosos exaltavam o trabalho, tornando-o sinônimo do esforço pessoal necessário para o acúmulo de riquezas, justificando a ascensão da burguesia. A noção do *ócio* como tempo perdido é fincado originalmente neste perigo (LAZZARATO; NEGRI, 2001).

Após a Revolução Industrial, as manifestações de *ócio* são compreendidas como viciosas e com a necessidade de serem erradicadas por serem um mal que fazia adoecer moral e fisicamente a força de trabalho, sendo então uma possibilidade de controle sobre o corpo e a mente dos trabalhadores.

*Dada a implementação do trabalho livre no Brasil e, posteriormente, a do seu “oponente” histórico – o tempo livre – parece que as práticas de descanso e divertimento da população são completamente codificadas por meio de uma racionalização intensa do cotidiano e, portanto, do próprio tempo livre. Pode-se dizer, inclusive, que o ócio tenha sido incorporado e (re) significado no e pelo tempo livre. Mas para compreender a organização do tempo livre, é imprescindível [. . .] conhecer as relações de produção, a jornada de trabalho, o desenvolvimento das técnicas, a lógica de funcionamento do capitalismo. É preciso perceber ainda o tempo livre como uma forma de vida típica do capitalismo, em que trabalho e tempo livre na aparência são opostos, mas na verdade formam um binômio indissociável. O tempo livre torna-se a extensão da própria lógica de produção, ou seja, hegemonicamente, ele se curva ao capital. (MARCASSA, 2002)*

## **2.2 Intensificação da necessidade de produtividade**

Desenvolvida com o objeto de melhorar a produção e de facilitar a vida do trabalho, a tecnologia se tornou instrumento da intensidade do trabalho e tem sido usada para diminuir o tempo de não trabalho. O mundo de trabalho de hoje, da troca e do consumo, frutos da globalização, é caracterizado pela comunicação-produção. Desenvolvimento, eficiência e competitividade são valores fundamentais nos tempos atuais. Ao afirmar que “O infuncional é o humano”, Ponzio (2010) nos alerta que o direito à infuncionalidade assume um caráter subversivo, revolucionário.

A crise experimentada pelo capital tem levado as pessoas a trabalharem cada vez mais, ocorrendo um “nítido processo de intensificação do trabalho, com o conseqüente aumento da insegurança no emprego, do stress e das doenças decorrentes da atividade laborativa” (ANTUNES, 1999). Ao mesmo tempo, as empresas e companhias procuram desenvolver alguns traços de humanidade, multiplicando os programas de lazer e qualidade de vida implementados durante o próprio expediente de trabalho como medida de precaução e combate ao stress. Stress que foi o termo estrangeiro encontrado para substituir nominalmente o sofrimento, a frustração, a insatisfação, a ansiedade e o medo provocados pelas novas formas de gerenciamento e organização do trabalho, com seus ritmos e processos cada vez mais intensos (INÁCIO, 1999).

Por vivermos naquele que já foi denominado *o século do estresse*[1], o ócio, turismo, lazer, diversão e entretenimento nunca estiveram tão em alta, justamente por termos cada vez mais tempo de trabalho. E essas práticas acabam por estruturar-se de acordo com as exigências e conveniências do capitalismo.

*“Além de controlar o corpo e a mente dos trabalhadores por meio da gerência científica (. . .), a sociedade administrada também controla as conquistas proletárias sobre o tempo de descanso, ou o chamado tempo livre” (CHAUÍ, 1999)*

O prolongamento da jornada, a intensificação do trabalho e a aceleração de ritmos e processos que imprimem movimento à circulação econômica são a referência sobre a qual estabelecemos nossas rotinas, que acabam por serem alteradas resultando em novas relações e um novo estabelecimento das práticas culturais.(HARVEY, 2000)

A grande maioria das pessoas, que se veem cada vez mais privadas de um tempo para si, os sentidos passam a ser direcionados à necessidade prática de ter mais, consumindo tudo o que é levado ao mercado, da forma mais intensa possível.

[1] Conforme artigo de M. N. Lipp, intitulado “Depressão, DORT e estresse rondam o novo século”, publicado no jornal Folha de São Paulo, de 26/5/2002.

### 2.3 O Tempo de Kronos e Kairós

O capitalismo tardio motiva nos indivíduos necessidades, prazeres e desejos que serão alcançados através de uma maior libertação do tempo de trabalho, mas que é em realidade, uma subjugação do tempo, a outros tempos (GAMA; SANTOS, 1992). O tempo é libertado para novas atividades a lugares de práticas com especificidades cada vez maiores. A mitologia grega possui como referencial dois tempos, o tempo de Kronos, um tempo controlado e que tem um fim, que é destruidor de suas próprias criações; e tempo de Kairós, tempo subjetivo que transcorre de forma ao que cada um percebe e vivencia.

Posteriormente, as atividades pré-históricas eram responsáveis por cobrir as necessidades básicas e exigiam a participação de todos. Com a chegada do período mesolítico, tem início o sedentarismo, já que as mudanças climáticas permitiram ao ser humano uma sobrevivência junto à natureza, com gradativo domínio agrícola e a domesticação dos animais. O cultivo da terra levou à criação de propriedades particulares.

As sociedades pré-industriais não possuíam uma definição para o trabalho (DON-KIN, 2003) e não havia tempo dedicado a certa ação. O processo de existir se dava em compartilhamento.

A divisão do trabalho tem início juntamente com a propriedade privada, em que se dividia o trabalho para que o homem fosse livre para trabalhar da melhor maneira que lhe conviesse.

Civilizações hidráulicas levaram a um desenvolvimento do mercado e da produção e uma escassez de suprimentos, forçando uma demanda maior de trabalho, assim tendo início a escravidão. O trabalho compulsório, limitado e regular onde o homem trabalhava segundo sua própria determinação. Não havia a jornada de trabalho como a conhecemos hoje. Era a tarefa que estava em jogo, e não o tempo de produção.

O homem então se dissocia do resultado de seu trabalho e passar a ser instrumento. A produção modifica o conceito de trabalho que vigorava e o homem livre que gere o tempo de trabalho passa a ser um escravo que tem todo o seu tempo ocupado com o trabalho (MARTINS, 2012).

É importante esclarecer que antes do cristianismo o trabalho possuía caráter negativo, pois a crença grega pregava que o trabalho manual era um ato de desumanização. O trabalho que aproximava o homem dos deuses era o trabalho criativo, intelectual e político (MARTINS, 2012).

Com a reforma protestante, a ideia de que acumular riqueza não é pecado se engrandece, assim como a ideia de que o trabalho engrandece e salva o homem. Ocorre então uma homogeneização das relações entre empregador e empregado.

A implantação do relógio nas fábricas fez com que o tempo de produção passasse a ser controlado em nome do ganho da produtividade. A chegada da luz elétrica nas fábricas fez com que a jornada de trabalhado fosse drasticamente modificada: se antes se obedecia



ao ciclo natural de dia e noite como trabalho versus descanso, agora as jornadas podiam ser estendidas. A máquina seguia um ritmo constante e o homem teve que adaptar (MARTINS, 2012).

Para Marx (MARTINS *et al.*, 2012), a mão de obra não vende sua força de trabalho, mas sim o seu tempo de trabalho. O tempo passou a ser uma moeda de troca.

Para os autores GAMA e ANTOS (2012) o tempo de Kairós, aquele em que o tempo é autogerido, é libertador e enobrecedor da condição humana. O trabalho temporalmente controlado e rigidamente determinado retira do sujeito a característica que lhe enobrece. Mas para Marx, o valor se dá pela utilidade e pela necessidade social daquele trabalho, sendo o trabalho abstrato um trabalho alienado, que gera um produto com valor de mercado mais importante do que a sua utilidade.

O tempo Kairós se dava em função do ganho espiritual e moral, mas o mundo ocidental superconsumista e apressado levou à hierarquização do pensamento do consumo em detrimento do trabalho (GAMA;SANTOS, 1992).

O Brasil, país com predominância católica, manifesta cotidianamente o pensamento do trabalho como algo enobrecedor e o acúmulo de riquezas como algo naturalizado.

O arsenal tecnológico libera o sujeito de atribuições simples, permitindo a otimização do tempo, mas o valor arraigado de ser produtivo acaba por revelar um sujeito orientado pela lógica de produção e de consumo (GAMA;SANTOS, 1992). Os demais tempos sociais acabaram por serem diminuídos gradativamente e o tempo autogerido do sujeito começou a ser tomado por esse tempo de trabalho que tomou, inclusive, as horas de descanso.

Com isso é possível perceber que a separação e denominação dos tempos levou à um domínio e valorização do tempo do trabalho sobre as outras demandas existenciais, como o desenvolvimento espiritual e moral. O gerir do tempo e o papel do trabalho e do ócio serão trabalhados na pesquisa qualitativa mais à frente, mas antes é necessário analisarmos a sociedade contemporânea a partir das relações entre produtividade e consumo.

### **3 Análise do contemporâneo a partir das relações entre produtividade e consumo**

#### **3.1 Acumulação de capital**

Para compreender se o consumo de podcasts durante outras atividades está relacionado à produtividade exigida na sociedade atual é necessário aprofundarmos nas relações e interações da sociedade contemporânea. Para isso, podemos observar a centralidade do consumo, já que a reprodução da vida material é realidade pela produção e pelo consumo de mercadorias. O consumo permite a acumulação de capital e a construção da identidade cultural do indivíduo, conforme será discutido neste capítulo.

Em 1859 Marx já afirmava que “[. . .] na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais” (MARX, 1859). Dessa forma, não é possível compreender o homem isolado de seu contexto social e histórico pois uma sociedade possui desejos e valores em comum, e o homem que a constitui é um ser social que assimila as ideias que predominam na sociedade em que vive.

Para o autor, a produção está no centro do capitalismo, e as suas outras esferas, a circulação e o consumo, são determinadas pela lógica de produção. Para isso, a produção cria o objeto de consumo, o modo de consumo e o impulso ao consumo (MARX, 1859).

Ao decorrer do século XX, a produção capitalista transformou o modo de vida da sociedade ao se expandir na produção de quase tudo que os trabalhadores podem consumir. Dessa forma, o capital aproveita mais da reprodução da força de trabalho dando continuidade ao processo de acumulação, segundo Granou, a produção de um processo de consumo (GRANOU, 1972).

As transformações tecnológicas, econômicas e sociais providas após a Segunda Guerra Mundial permitiram que o cotidiano dos indivíduos e seus modos de vida se tornassem uma fonte de acúmulo de capital. Assim, surgiu a busca pela criação de necessidades para uma produção infindável e sempre renovada (PALMIERI JÚNIOR, 2012).

A lei da acumulação capitalista está baseada na valorização do valor e não é baseada puramente em elementos econômicos. É preciso uma complexa interação entre a esfera política, social, cultural e ideológica para que ocorra a maior expansão possível. A “ideologia de consumo”(ROCHA, 2005) que foi exarcebado no período pós-guerra se dá através de novas formas de diferenciação social .

#### **3.2 O consumo ligado a valores e significações**

Ao analisar a sociedade capitalista contemporânea, Jean Baudrillard a faz não apenas sob a lógica da produção, mas também identifica uma lógica social. Para o autor, estudar a sociedade de consumo é estudar também o sistema de significações de objetos.(BAUDRILLARD, 2006)

Por esta ótica, é possível compreender o processo infinito e sempre renovado de necessidades de consumo, pois “não existem limites para as ‘necessidades’ do homem enquanto ser social. A absorção quantitativa de alimentos é limitada, o sistema digestivo é limitado, mas o sistema cultural da alimentação revela-se como indefinido.” (BAUDRILLARD, 2006)

É possível afirmar então que a mercantilização de bens culturais e de valores sociais por meio do consumo faz com que a mobilidade social seja associada a capacidade de manipulação dos signos. Com isso a busca pelo reconhecimento social se dá por intermédio de atributos materiais, sociais e culturais dos objetos produzidos pela lógica do mercado.

Através da semiologia, categoria usada por Baudrillard, o objeto é um veículo material que contém uma linguagem de significações e hierarquizações sociais, além de possuir uma funcionalidade prática (valor de uso) e ser também um intercâmbio econômico (valor de troca) (BAUDRILLARD, 2006). Portanto, o consumir está relacionado à intenção do indivíduo em aderir determinados valores. As necessidades não se referem à funcionalidade prática, mas sim à lógica social do consumo, que é a da diferenciação social.

Com uma breve introdução sobre o tema, já é possível concluir que o consumo de objetos é a principal forma de expressão dos valores sociais da sociedade contemporânea, e a posse do objeto não é suficiente para a diferenciação social, é preciso que haja uma manipulação individual dos significantes do objeto.

Os estudos sobre consumo e as suas relações com a atividade social fazem referência a produção de significados e processos simbólicos desempenhados no contexto da atividade social contemporânea e também os significados sociais e os processos simbólicos presentes no universo do consumo (RETONDAR, 2008). A atividade de consumismo não está restrita somente a atividade econômica, sendo composta também pelo campo de produção de significados e formas simbólicas.

Em um primeiro momento a organização da sociedade de consumo se deu pelo viés da padronização, onde a diferenciação marcava-se pela proximidade com o estilo de vida e padrão de consumo de algum grupo bem estabelecido e legitimado pela sociedade. Já no contexto atual de organização de sociedade de consumo, o elemento marcante é a diferenciação pela identificação.

Para Retombar, a retomada do princípio da individualidade enquanto valor fundamental da sociedade foi um dos responsáveis pela reorganização do consumismo nas sociedades contemporâneas.

Como já dito anteriormente, o indivíduo é uma construção social do mundo moderno, fruto de transformações políticas, sociais e filosóficas dos séculos XVII e XVIII. Mas ao longo dos séculos XIX e XX, o indivíduo foi sendo minimizado frente a um conjunto de forças macrossociais. A partir da segunda metade do século XX, é possível perceber o engrandecimento da subjetividade na atividade social e também no pensamento social contemporâneo.

### 3.3 Transformação do consumo com a evolução da sociedade contemporânea

Em “Sociedade do Consumo”, Livia Barbosa afirma que o consumo é central no processo de reprodução social de qualquer sociedade. Ou seja, todo e qualquer ato de consumo é essencialmente cultural. As atividades mais triviais como comer, beber e se vestir reproduzem e estabelecem mediações entre estruturas de significados e o fluxo da vida social através dos quais identidades, relações e instituições sociais são formadas, mantidas e alteradas ao longo do tempo. A autora cita ainda que algumas mudanças sociais impactaram a dimensão cultural de forma particular, como a construção de uma nova subjetividade e a expansão da ideologia individualista.

A evolução da sociedade contemporânea afetou e constituiu o consumo. Com a perda de grupos de referência consolidados a orientar a escolha das pessoas, como acontecia durante a vigência das leis suntuárias, deixou-se de ter regras e/ou restrições sobre aquilo que podemos consumir. O critério para a aquisição de qualquer coisa passou a ser uma escolha pessoal, dando início ao império da ética do self, em que cada ser se tornou o árbitro de suas próprias opções e possui legitimidade suficiente para consumir de acordo com seu senso pessoal. Estilo de vida e identidade tornaram-se, portanto, opcionais (BARBOSA, 2004). Mas se não for participante dessa lógicas, o ser é então excluído do processo.

Gênero, classe social, grupo étnico, entre outras variáveis, acabam por estabelecer alguns parâmetros no interior dos quais a “escolha” e a identidade do ser se expressem. Embora possamos dizer que é por meio do consumo que se “constroem” identidades, é através dele também que se confirma o reconhecimento em produtos, objetos e itens da cultura material que reafirmam ou satisfazem aquilo que o ser julga ser seu gosto e preferências.

Para Barbosa (2004), as necessidades dos seres são insaciáveis na cultura do consumidor. Esta insaciabilidade pode ser interpretada como uma consequência da sofisticação, do refinamento, da imaginação e da personalização dos desejos e necessidades das pessoas e/ou da vontade individual do progresso econômico e social. Pode ser também interpretada como uma exigência do sistema capitalista, em que a necessidade de crescimento permanente leva a uma ansiedade acerca da possibilidade de algum dia essas necessidades serem satisfeitas ou financiadas.

Para Barbosa e Campbell (2006), a sociedade de consumo moderna é caracterizada também pela insaciabilidade dos consumidores. Em um processo incessante e interrupto, assim que um desejo ou “necessidade” é satisfeito, outro já se encontra à espera. A permanência do sentimento de insatisfação não diz respeito a um eterno “querer mais”, mas sim a existência de uma insaciabilidade para com novos produtos.

Segundo os autores, essa insaciabilidade teria sido gerada na alteração no padrão de gratificação das pessoas, ocorrido por volta do século XVII, em que houve a passagem do hedonismo tradicional para o moderno. Caracterizado pelo prazer oriundo das sensações, o hedonismo tradicional ancora nos sentidos e na satisfação que as

sensações podem obter dos estímulos exteriores. O desejo dos consumidores no hedonismo moderno é experimentar.

Para DOUGLAS e ISHERWOOD (2006) ao analisarmos a esfera contemporânea do consumo como um sistema de comunicação social, aonde os diversos produtos e bens são constantemente associados a distintos universos significados e que tal associação se torna cada vez mais flexível, o ato de consumo transforma-se então em uma escolha estratégica, por meio da qual o consumidor vai continuamente definindo e redefinindo a sua identidade. Os autores afirmam que o consumo é menos um prazer em si mesmo e mais uma forma prazerosa de preencher obrigações sociais.

Por essa perspectiva é possível afirmar que a constituição de identidades se faz através de um processo de escolhas, mediado pela atividade de consumo. O ato de consumo então se caracteriza como uma forma contemporânea de “ação social” que se desdobra em um tipo de relação social, definida a partir de um conjunto de significados que são compartilhados por um grupo definidos de consumidores. Interesses, gostos e preferências, juntamente com marcas e significados sociais acabam se entrelaçando por intermédio da prática consumista.

### **3.4 Percepção do consumo pela sociedade**

Segundo Miller (2007) a percepção do consumo como uma atividade maligna ou anti-social é profunda e teve início muito antes do consumo de massa moderno. O consumo acaba por ser visto como “uma doença definhadora que se opõe à produção, a qual constrói o mundo”. Em sua obra, o autor afirma que a destruição é primeiramente identificada com a postura própria do consumo, com o consumidor visto como gastando recursos escassos ou insubstituíveis, sendo a produção nessa instância vista como auxiliar secundária ao consumo.

Mesmo no período do cristianismo medieval, em que não era um tempo de extravagâncias, considerava-se o consumo como uma questão dirigida à questão da luxúria (SEKORA, 1977). Exemplo que pode ser visto nas leis suntuárias, onde a moralidade era relativa ao que era visto como a hierarquia natural da sociedade, em que a roupa de um plebeu era definida em oposição ao nobre. Atualmente, isso ocorre com produtos considerados vulgares ou de mau-gosto, que acabam por ser associados com as massas.

A difusão maciça de bens de consumo passou de representar pessoas e relações para substituí-los (BAUDRILLARD, 1988). Há tanto poder do comércio em produzir mapas sociais baseados nas distinções entre bens que os consumidores usam da compra de símbolos apropriados ao seu “estilo de vida”.

A naturalização do consumo como uma atividade se deu através da ciência econômico, como um meio particular de assegurar o consumo, que é o capitalismo.

Em sua obra, Miller (2007) afirma que “a história de uma postura moral do consumo não deve ser confundida com a história do consumo em si”. As ciências econômicas e os estudos de administração concordam ao representar a visão tradicional do consumo como essencial para o estudo das relações das pessoas com o mercado.

Para DOUGLAS e ISHERWOOD (1979), os bens de consumo são pensados como um sistema simbólico, em que há uma possibilidade de “leitura” da sociedade através do padrão formado entre os bens. BOURDIEU (1984) também abordou o tema ao focar os bens não só como reflexo de distinções de classe, mas como um meio primário pelo qual as distinções eram expressas e reproduzidas.

*“o poder de consumo como um meio de reproduzir padrões sociais era escondido por uma ideologia que via o consumo meramente como uma expressão do gosto individual” (MILLER, 2007).*

Para Campbell, seriam três as motivações principais do consumo: a busca da satisfação das necessidades diretamente ligadas à funcionalidade dos produtos; a busca de prazer emocional sem papel de comunicação social; e a busca de prazer emocional por meio do uso das mercadorias/marcas como comunicadores sociais.

O consumo tendo como motivação a “satisfação de necessidades diretamente ligadas à funcionalidade dos produtos” significa que já uma busca em usufruir as funções para as quais os bens em questão foram originalmente criados. Já o consumo por busca de prazer emocional significa que além dos atributos técnicos da mercadoria, há sobretudo uma vontade do consumidor de vivenciar um sentimento intenso de prazer por meio dela (CAMPBELL, 2001).

Para os estudiosos Bauman (2001), Lasch (1983), Fontenelle (2002), Severiano (1999) e Baudrillard (1988), a existência do consumo relacionado à busca ou afirmação de status e à busca de uma ilusão de bem-estar como fuga permanente são comportamentos que podem trazer efeitos negativos na vida dos indivíduos, que são caracterizados pelo sentimento de angústia ou vazio.

Já Barbosa (2004), Cross (2000), Campbell (2006), Miller (1995), Lipovestky (2004), Muñoz e Martí (2008) defendem que o prazer emocional buscado no consumo não está relacionado na intenção de comunicar às outras pessoas uma dada imagem ou ao consumo de status. Para eles o consumidor estaria demonstrando a experimentação de uma identidade autêntica, já que seria pelo consumo que o mesmo estaria exercitando uma reflexão sobre os seus gostos. Para eles, atualmente o sujeito utiliza a interação com mercadorias e marcas para tomar consciência de suas preferências.

MUÑOZ e MARTÍ (2009) associam esse tipo de consumo ao momento atual ao afirmar que hoje em dia “una persona, en un mercado en el que la oferta es amplia, consume un determinado tipo de producto en relación a la propia construcción de su identidad personal o de su estilo de vida (persona sana, deportista, ecologista) y no simplemente desde una perspectiva biológico-funcional (ingestión de hidratos de carbono, proteínas etc., necesarias para la supervivencia de nuestro organismo)”<sup>1</sup>, caracterizando o ato como “consumo simbólico”.

Dentro dessa temática, CAMPBELL (2006) entende o consumo como uma resposta ao que se pode chamar de “crise de identidade”, e não com uma atividade que serve para intensificar a mesma. Para o autor, o consumo estaria caracterizado como o ato de “ser”, e não de “ter”, em que as pessoas que consomem não são “vítimas de um egoísmo materialista e de compra”, mas estão em busca de significado para a sua vida, propiciado pelo conhecimento

Ao argumentar sobre o consumo por status, Lasch (1986, 1983), aponta a existência de práticas de consumo que alimentam a angústia gerada pela sensação de esvaziamento da subjetividade. O consumo por status remete a uma preocupação intensa em ostentar algo para outras pessoas a fim de obter admiração ou inveja, que segundo Lasch, são motivações propícias a tais sensações de mal-estar.

O autor então afirma que “o capitalismo, a propaganda adotam o mesmo princípio: as mercadorias são para aliviar descontentamento” de modo que “os profissionais (. . .) têm um interesse investido no descontentamento, pois as pessoas descontentes voltam-se para os serviços profissionais em busca de alívio” (LASCH, 1983, p. 1983,281).

Para SEVERIANO (1999), as sociedades capitalistas atuais valorizam os “ideais estritamente consumistas” e desvalorizam os “ideais da cultura”. Para a autora, esse pensamento estimularia a “pseudoindividualização”, uma ilusão de saciedade que levaria à continuação da sensação de incompletude e de mal-estar.

O sujeito hipermoderno deseja viver o prazer com grande intensidade e frequência, procurando por prazeres imediatistas que não demandam qualquer esforço. BRAGAGLIA (2010, p. 122) exemplifica: “em vez do prazer de ler um romance, melhor assistir ao filme sobre tal livro, pois alcança-se o prazer almejado com mais rapidez”. Dessa forma, cria-se um ambiente propício para o surgimento da “compulsão-transformada-em-vício”

<sup>1</sup> “Uma pessoa, em um mercado onde a oferta é ampla, consome determinado tipo de produto em relação à construção de sua identidade pessoal ou de seu estilo de vida (pessoa sã, atleta, ecologista) e não simplesmente do ponto de vista biológico-funcional (ingestão de carboidratos, proteínas, etc., necessários para a sobrevivência do nosso organismo)

#### 4 Consumo de áudio digital, podcasts e plataforma

Em sociedade, o ser humano recebe informações provindas de diferentes lugares, sendo pela televisão presente na sala, o rádio no carro ou o jornal na mesa do café da manhã. Segundo PALFREY (2011), as pessoas nascidas a partir da década de 1980 são os nativos digitais, justamente por possuírem novas possibilidades de comunicação presentes no dia a dia.

A transição da mídia tradicional para a adaptação às novas tecnologias, transformando o seu conteúdo em um produto digital para atender ao novo público, agora digital, é chamada por JENKIS (2009) de convergência de mídias. Para o autor, convergência “[. . .] é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando” (JENKINS, 2009, p. 29). Para JENKIS (2009), a convergência deve ser vista além de mudanças tecnológicas, mas também como uma mudança na cultura participativa do público.

É nesse contexto de mudanças que se insere o consumo de áudio, conforme discutido a seguir. Ao longo do tempo a produção musical evoluiu com o aperfeiçoamento de técnicas de produção, mas durante muitos séculos só pôde ser produzida ao vivo e por meio de instrumentos artesanais como tambores e batuques.

O rádio surgiu no final do século XIX com avanços da eletricidade e o descobrimento das ondas hertzianas. Os ouvintes não precisavam mais ir ao teatro ou a bares para escutar música, podiam ouvir em casa, através do rádio, mas ainda estavam limitados a consumir música apenas no horário de exibição dos programas de rádio (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2009).

O disco de vinil, também conhecido como LP, surgiu como proposta de consumo de música no tempo e espaço desejados. Foi a primeira versão comercial dos álbuns de música de artistas e bandas. Com isso, uma nova lógica comercial de consumo de músicas se estabelece dando início a uma estrutura de indústria fonográfica, responsável pela gravação/produção/distribuição/divulgação de discos e artistas. As pessoas passaram de ouvintes para consumidores de música.

Segundo João Leão e Davi Nakano (2009), a indústria fonográfica possuía uma estrutura oligopolista, em que as grandes produtoras detinham um modelo de negócio vertical, responsáveis pela procura de artistas, gravação, distribuição, divulgação e comercialização de música. O controle da indústria fonográfica estava concentrado.

Em 1963 ocorreu o surgimento da fita cassete que tinha como principal propósito gravar músicas de rádio para a reprodução portátil. Ela também permitiu que bandas independentes gravassem suas próprias canções, fazendo com que a produção e o consumo de música não fossem mais dependentes de grandes produtoras, já que pessoas comuns podiam gravar músicas em suas próprias casas e comercializá-las informalmente, ainda que uma qualidade técnica, mas baixa e dificuldade na distribuição de cópias em larga escala,



reforçando a teoria de Jenkins de uma mudança na cultura participa do público.

A fita cassete se popularizou no Brasil nos anos 1990, assim como os equipamentos que permitiram o seu uso como o toca-discos, o toca-fitas e o Walkman. Mas acabaram perdendo espaço para os CD's que eram leves, de qualidade superior, possuíam maior armazenamento e vida útil. O consumo de música tornou ainda mais individual através de fones de ouvido, podendo ser consumidor a qualquer momento e lugar. Mas ainda estavam condicionados a uma ordem fixa de produção das faixas do álbum (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2009).

O surgimento da internet no final do século XX e início do século XXI leva a uma ascensão do consumo e revoluciona a indústria fonográfica.

O surgimento do formato MP3 permite que a música circule livremente pela rede mundial de computadores. O consumo torna-se personalizado e a pirataria de faixas e álbuns torna-se viral, mesmo com a existência de sites especializados na venda de música online. Na internet os artistas independentes ganharam espaço e reconhecimento, pois já não era mais necessário passar pela difícil missão de encontrar um CD em loja física.

*A partir desse formato digital, o consumo de músicas dentro de um álbum está sendo substituído pela preferência por um consumo por unidade. Em outras palavras, as pessoas parecem não querer mais ter de pagar por uma sequência de canções imposta previamente, como acontece em um CD, representando assim uma negação à ditadura do álbum comercial. (CARVALHO; RIOS, 2009, pág. 76)*

A fim de não perder seu público consumidor, os artistas se adaptam à plataformas sem abrir mão dos direitos autorais.

O fenômeno de streaming surgiu a partir do momento que a música passou por um processo de digitalização, sendo a alternativa encontrada pela indústria fonográfica para combate à pirataria e a possibilidade de seguir com a distribuição de conteúdo (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2009).

É diante desse cenário de transformações que HERSCHMANN e KISCHINHEVSKY (2009) analisaram a geração podcasting. Para os autores, o podcasting despertou um especial interesse por surgir em um período de redefinição do rádio por conta da revolução ocasionada pela convergência tecnológica. Os autores definem podcasting como uma modalidade de radiodifusão sob demanda, tendo virado febre na internet entre 2004 e 2005. O podcasting possui recepção assíncrona, em que cada indivíduo decide quando e onde vai ouvir o conteúdo assinado.

Segundo LUIZ e ASSIS (2009), a expressão podcasting surgiu da junção do prefixo "Pod", proveniente do Ipod, aparelho reproduzidor de mídias da Apple, com o prefixo "casting", da palavra broadcasting, utilizada para descrever a transmissão de programas de televisão ou rádio. A referência direta ao mais popular aparelho tocador de música da época, o Ipod da Apple, é um sinal de distinção social num mundo de acesso profundamente desigual às novas tecnologias da informação e da comunicação. Um relatório da Universidade de

Washington, referente à experiência educacional conduzida no período letivo de 2005/2006 aponta que a mobilidade não era importante para 87% dos alunos que fizeram download de arquivos das aulas.

Inicialmente o podcast podia ser descarregado no computador e consumido imediatamente ou copiado para um tocador multimídia (telefone celular, IPOD, MP3 players), sendo fruído de uma única vez ou de forma fragmentada. Atualmente, através de aplicativos, não é necessária a cópia para um outro tocador.

A ideia original surgiu com o ex-VJ da MTV americana Adam Curry, que estava desenvolvendo um sistema de transmissão de mídia para ser ouvida nos Ipods pois a popularidade dos aparelhos estava crescendo muito (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2009).

Os podcasts estavam disponíveis desde 2001 mas só se popularizaram com o surgimento de grandes diretórios de rádio via internet, nos quais era possível abrigar emissoras gratuitamente. Os portais organizavam e classificavam os conteúdos de áudio na rede, proporcionando maior visibilidade para os podcasters e para os webcasters, que difundem podcasts e vídeos, respectivamente, pela internet.

Inicialmente os podcasts eram, na maioria, sequências de músicas da predileção do internauta. Mas, rapidamente, os programas e episódios passaram a se sofisticar, mesclando locuções, efeitos sonoros e trilhas.

Em 2005, o podcast era entendido como qualquer “conteúdo de mídia enviado automaticamente a um usuário através da internet” (BERRY, 2006, p.144). O significado ainda se mantém. Tal significação impõe que podcast está ligado a qualquer conteúdo de mídia, seja ele no formato vídeo, texto e foto, podendo ser disseminado por meio da web. Perez (2009) sugere que o podcast possui um viés autônomo no tocante à mídia tradicional.

*Se falarmos em podcasting como termo, o fundamento é o seu uso e o entendimento das pessoas sobre ele. Esta utilização dá lugar a uma definição cada vez mais matizada e que, no caso do podcasting, diferente do broadcasting nas possibilidades de seleção e criação que oferece ao usuário da rede. A possibilidade de gerar e distribuir conteúdos livremente e de poder optar por uma oferta mais variada e menos centrada nos grandes grupos de comunicação, reconhecendo que, no momento atual, as grandes marcas de difusão seguem sendo as mais destacadas da atualidade. (PEREZ, 2009, p.79).*

Para VICENTE (2018), o podcast entrelaça a sociedade e permite que os ouvintes reconheçam o seu papel ativo nos meios de comunicação e sejam capazes de produzir e difundir novos conteúdos sonoros.

O meio permite a utilização de tecnologias digitais como a gravação de áudios em smartphones para edição e também entrevistas feitas por telefone com especialistas que não estão no local de gravação. Como afirma PRIMO (2005), o “podcasting permite a gravação de programas em áudio mesmo em situações de mobilidade, sem que se precise

contar com uma estrutura profissional de produção de áudio, e pode ser distribuído até mesmo a partir de uma conexão wifi ou em um cibercafé”.

Kischinhevsky e Herschmann afirmam que em 2008 outras formas de expressão que transcendem a gramática das emissoras comerciais começaram a se desenvolver, como veiculação de análises, palestras e debates.

Em 2008 a audiência dos podcasts crescia em ritmo acelerado. Em seis meses de 2006, nos EUA, a expansão da base de internautas que baixavam programas e/ou episódios foi na ordem de 70%, sendo pesquisa da Pew Internet & American Life Project.

Já em 2019, segundo dados levantados por pesquisa do IBOPE(CETIC.BR, 2018)<sup>1</sup>, 40% dos respondentes já ouviram podcast alguma vez, 28% nunca ouviram e 32% não sabem o que é um podcast. Uma pesquisa realizada pela Reuters Institute for the Study of Journalism<sup>1</sup>(REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM, 2019), que teve como objetivo entender como as notícias são consumidas ao redor do mundo, mostrou que 51% dos entrevistados, na amostragem referente ao Brasil, haviam ouvido podcast no último mês.

Segundo SILVA (2008) o primeiro podcast brasileiro foi o Digital Minds de Danilo Medeiros, que teve início em 20 de Outubro de 2004. Em 2005 realizou-se a primeira edição da Podcon Brasil, primeiro evento brasileiro dedicado exclusivamente ao assunto.

Após um período de baixa, chamado “Podfade”, os podcasts voltaram a ter crescimento em 2008, quando o Prêmio iBest, então um dos principais prêmios voltados à internet incluiu a categoria “podcast” para julgamento exclusivo por voto popular, tendo como vencedor o Nerdcast, existente até hoje.

Segundo VANASSI (2007), o sistema podcasting apresenta determinadas características, não podendo ser classificada apenas a simples publicação de arquivos de áudio em uma página da internet por si só. A primeira delas é a produção, já que não é necessário conhecimento técnico avançado ou investimentos muito altos na produção.

Outra característica é que os arquivos de áudio dos programas não podem ser muito grandes (em volume de dados), por conta do tempo de download. Vanassi também explica que os podcasts devem estar disponíveis publicamente na internet e facilmente acessíveis já que uma das características do podcasting é a liberdade oferecida para o ouvinte poder baixar e escutar os programas disponibilizados quando quiser.

Os ouvintes devem ser informados sempre que um novo episódio for publicado. Para que isso aconteça o agregador, como o Spotify, Deezer, entre outros, faz download automático do programa assim que ele é lançado. Para PRIMO (2005), essa é uma das principais características que definem os podcasts.

Outra das fortes características de sucesso dos podcasts é a ausência de regras rígidas: não há padrões de locução ou restrição em termos de linguagem e temas abordados. A principal hierarquização se dá por meio dos diretórios, que, muitas vezes, classificam as emissoras a partir de rótulos preexistentes.

E assim como aconteceu com as web rádios no início de sua expansão na internet, o podcast se mostrou como estratégia de atuação das empresas radiofônicas para promover a participação dos ouvintes em sua programação. Essa estratégia permitiu a propagação e a democratização dos programas de rádio na web (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2009).

Por depender da internet, os podcasts possuem um elemento-problema que é capaz de impactar fortemente o processo de consumo dos conteúdos. De acordo com o levantamento realizado em 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), apenas 82,7% dos domicílios nacionais possuem acesso à internet. Além do acesso, a qualidade da mesma possui impacto direto sobre o meio.

A segmentação é uma das características dos veículos produtores de podcasts. A maioria dos podcasts são conhecidos por serem programas com episódios periódicos. O feed permite que o ouvinte acesse a informações como data, autor, título e palavras-chave, sendo um sistema de organização do programa.

O exercício de liberdade que o podcast oferece é uma forma de mostrar ao usuário o poder de suas ações e decisões. Ouvir um podcast não é como ouvir a uma rádio onde se diz, “o que será que está passando”, mas é mais uma ferramenta criativa onde se diz “vou ouvir o que eu quero” (SPYER, 2009).

Para Jenkins, com esses “novos meios de comunicação interativos” os produtores de conteúdo e consumidores possuem igual poder, já que os consumidores podem decidir o que consumirão, bem como onde e quando farão isso.

Desde 2008 existe a PodPesquisa, criada para recolher informações sobre ouvintes de podcast no Brasil. Nos Estados Unidos há uma pesquisa semelhante chamada The Podcast (WEBSTER, 2009) Consumer. Webster acabou por definir o podcasting como

*“[. . .] conceito de baixar várias formas de programa de áudio/vídeo na forma de arquivos digitais que podem ser ouvidos a qualquer momento. Podcasting não se refere ao ato de baixar músicas individuais. Podcasting se refere ao ato de baixar arquivos de áudio/vídeo online na forma de programas (como talkshows ou um programa musical com apresentador), geralmente como um download automático que pode ser ouvido segundo a conveniência do usuário.”*

Segundo CASTRO (2005), os podcasts são procurados por oferecem conteúdos variados e por ser uma mídia que possibilita que o ouvinte executar várias atividades ao mesmo tempo em que escuta aos programas, realizando uma concentração difusa e se tornando um ouvinte multi-tasking[10].

O podcast também possui a característica de permitir o acesso a programas antigos, de forma que as possibilidades de distribuição de informação se ampliam já que o ouvinte pode buscar um episódio antigo com um assunto de seu interesse fazendo com que vários podcasts gerem conteúdo atemporal.

#### 4.1 Streaming permite o desenvolvimento de produtos de nicho

A quebra da barreira física das lojas permitiu que o consumidor tivesse acesso a todos os tipos e estilos de música, principalmente na internet, não ficando mais restrito aos hits, músicas de sucesso massivo.

Surgiu então a possibilidade de um mercado de gêneros músicas que não seria possível antes do surgimento da internet, ainda que a produção de hits seja predominante na indústria fonográfica.

Plataformas de streaming permitiram um maior desenvolvimento dos produtos de nicho, fazendo com que gêneros que existem há muito tempo ganhassem relevância com o consumo musical online, como o folk, o indie, K-pop entre outros.

O Spotify trabalha com a ideia principal de causa longa ao reconhecer que existe consumo além dos hits e que é possível disseminar novos artistas e gêneros menos consumidos. Isso também se aplica para os podcasts, em que pessoas comuns conseguem criar e disseminar seus conteúdos em um ambiente mais democrático.

#### 4.2 Spotify

A plataforma em estudo deste trabalho será o Spotify, que funciona como aplicativo e web player, podendo ser usado em computadores, consoles de videogames, tablets ou smartphones.

O serviço tem como país de origem a Suécia, tendo sido lançado em outubro de 2008, mas só chegou ao Brasil em janeiro de 2014 (ASSIS, 2010). Com um serviço em streaming, o Spotify funciona como uma memória na nuvem, disponibilizando faixas para o consumo online.

O aplicativo oferece músicas e podcasts de todos os gêneros que podem ser consumidas através do catálogo exclusivo de artistas ou das playlists.

O Spotify teve início com proposta de combater o compartilhamento de música e conteúdo ilegalmente, oferecendo a oportunidade do acesso a músicas de forma gratuita ou de baixo custo. Hoje, tornou-se um modelo de negócio lucrativo.

O artista é remunerado com uma parcela do lucro do aplicativo de acordo do volume musical consumido pelo usuário ao trabalhar com a Gestão de Direitos Digitais (GDD).

Tanto os podcasts e as músicas podem ser encontrados através de playlists, listas de reprodução de conteúdo multimídia organizadas de forma manual ou automática. Essas playlists podem ser criadas pelos próprios usuários ou pelo próprio site, sendo classificadas de acordo com o gênero musical ou tema.

Importante destacar que as playlists podem estar relacionadas a estados de humor, como as de “astral”, “esporte” e “concentração”.

As playlists são exemplo de uma produção cada vez mais especializada e direcio-

nada, sendo reflexo de um processo de evolução da interação entre aplicativo-usuário, em que o consumidor pode montar seu próprio acervo ou deixar a cargo do aplicativo, que irá organizar sem a intervenção direta do usuário.

ASSIS (2010) afirma que a assinatura do feed de um podcast em um agregador ou aplicativo de streaming que distribuem o podcast, como o Spotify, permite que o ouvinte possa ter acesso às informações tanto online como offline, já que o app faz a atualização quando conectado. Como o aplicativo possui um apelo visual, os podcasts podem fazer uso da produção da identidade visual para cada episódio.

## **5 Procedimentos Metodológicos**

Com o objetivo de fornecer elementos para a compreensão do consumo de podcasts durante os afazeres diários e a sua relação com a exigência de produtividade na contemporaneidade, essa pesquisa seguiu pelo método qualitativo, em modelo semi-aberto com roteiro-base em profundidade e respostas indeterminadas (DUARTE, 2005).

O roteiro foi elaborado a fim de explorar os hábitos de consumo de mídia dos entrevistados, a fim de entender como o consumo de podcast se insere no contexto midiático dos interlocutores e também a percepção dos mesmos sobre a produtividade contemporânea e a sua relação com a realização de atividades simultâneas.

## 6 Análise

Foram escolhidos cinco entrevistados por conviência, de diferentes faixas etárias sem distinção de gênero e faixa de renda, sendo o único critério de escolha o consumo de podcasts pela plataforma Spotify. O roteiro base foi composto por onze perguntas e a transcrição das entrevistas se encontra em Anexo.

Para André, estudante, 18 anos, o consumo de TV é algo familiar, “ritualístico”, preenchedor de ambiente. Ele assiste mais programas esportivos e jogos de futebol, sempre com atenção plena (faz parte do seu trabalho) e o consumo se dá pela busca por informações e a materialização (imagens) de notícias recebidas por outras redes. O seu consumo de rádio ocorre somente durante deslocamento por carro.

Não assiste streaming por não conseguir “ficar parado”. Os meios de comunicação avançaram tecnologicamente permitindo o acesso à informação de qualquer lugar. Houve uma quebra do espaço-tempo e uma substituição da TV, que antes era o principal meio.

Primeiro contato com podcast em 2015, mas contato diário a partir de 2017. Consome diariamente o podcast Café da Manhã, do gênero de notícias, para começar o dia “atualizado”. Descreve essa escuta como um ritual. E o consome enquanto realiza outras tarefas como atividade física na academia, tarefas domésticas e também no trabalho. O entrevistado também cita o podcast Caso Evandro, de gênero de crimes reais. Para esse gênero em específico, André descreve que o consumo é diferente, como em uma viagem.

Os podcasts de notícias tendem a serem mais curtos, normalmente sendo escutados por completo durante as atividades. É o que descreve André. Mas podcasts mais longos como o “Mano a Mano”, podcast apresentado por Mano Brown, canto do grupo de rap Racionais MC, mencionado pelo entrevistado, só é ouvido na íntegra quando o tema é relevante. Se não, o seu consumo é dividido em diferentes momentos.

Quando perguntado sobre o histórico do seu hábito de consumo, André explica que começou escutando podcasts como Flow e Podpah, que são gravados em vídeo e seu áudio é disponibilizado nas plataformas de streaming, Mas que para ele esse conteúdo não diz mais respeito a podcast por não ser realizado com este objetivo, desvalorizando o produto final. E que hoje “valoriza produções com uma capacidade de storytelling mais avançada”. O entrevistado cita que quando começou a escutar o formato, “Ouvia de tabela assim sabe, de você estar ouvindo assim e ter alguma coisa de fundo, sem prestar atenção”, de maneira similar a como descreve o seu consumo de TV atualmente. Mas que hoje ele deseja prestar atenção no conteúdo, e ainda que a sua escuta se dê durante a realização de outras tarefas, ele pausa a tarefa para poder focar na escuta.

Quando perguntado sobre o papel das tecnologias digitais e das mídias na execução de atividades simultâneas, André explica que para ele, o principal problema é o excesso de notificações, pois gera uma ansiedade entre consumir o que o aplicativo está indicando (poderíamos aqui mesmo abrir uma relação com o f.OMO<sup>1</sup>) e realizar as tarefas que já

---

<sup>1</sup> FoMO ou “Fear of Missing Out”, que pode ser traduzido como “medo de estar perdendo algo”.



estão em execução. Para o entrevistado, com o decorrer do tempo é possível aprender a administrar o momento de realizar as duas coisas juntas.

André faz menção à cobrança da execução de um bom trabalho em um curto espaço de tempo. E acredita haver uma exigência de produtividade constante em qualidade e também em volume de trabalho. O entrevistado sempre menciona o aspecto do trabalho. Quando perguntado sobre a vida pessoal, pontua a cobrança sob um aspecto social. Para ele a exigência de produtividade se reflete em pressão, e que para lidar com ela, procura se acalmar.

Para o entrevistado o tempo de ócio só existe quando todas as pendências foram executadas, e faz uso desse tempo para se organizar referente às próximas atividades.

Para Thamyres, 34 anos, o consumo de TV se dá mais por streaming, em um contexto familiar, diariamente com o seu marido após a jornada de trabalho ou com o seu filho à tarde. Diferente de André, atualmente Thamyres não possui o hábito de deixar a TV como elemento ambiente. Mas esse consumo se alterou para ela ao passar dos anos. Ela menciona que, quando mais nova, seu consumo de TV era maior pois deixava a mesma ligada enquanto realizada outras atividades. Para a entrevistada, a principal qualidade do streaming é a possibilidade de escolha de conteúdo e a diversidade, quando comparado ao modelo de TV por assinatura. Para ela o rádio também é consumido durante a mobilidade realizada por carro.

Thamyres começou a ouvir podcasts em 2018. A sua maneira de consumir inicialmente se dava entre o deslocamento casa-trabalho e em um segundo momento durante a atividade do trabalho, quando estava realizando uma atividade de baixa complexidade. Ela também realiza afazeres domésticos ouvindo podcasts. Entre estes três momentos diferentes, a escuta é diária. Os dois podcasts mencionados por Thamyres possuem gêneros diferentes, sendo o Mamilos um podcast jornalístico de longa duração, com episódios de cerca de 90 minutos e o Calcinha Larga, de mesma duração que traz aspectos do cotidiano da vida feminina. Por terem uma duração maior, a entrevistada costuma ouvi-los durante dois dias.

Quando perguntada se já havia dedicado um tempo exclusivo para a escuta dos podcasts, Thamyres disse que não. E que a perda de foco no podcast ou na atividade que é realizada em conjunto é pontual, normalmente quando a atividade exige muita atenção.

Para Thamyres existe uma priorização da atividade frente ao podcast. Para André, o contrário.

A entrevistada busca por conhecimento e apoio ao escutar os dois podcasts. Ela menciona que ao ouvir experiências semelhantes às suas sobre maternidade não se sente mais culpada.

Thamyres possui o hábito de realizar atividades simultâneas, e que isso causa nela uma satisfação. Em tecnologia, o fone de ouvido sem fio a ajuda na realização de atividades simultâneas.

A entrevistada acredita que haja uma pressão social para a produtividade e se sente diretamente impactada, sentindo-se culpada quando não corresponde à produção necessária. Ela menciona que quando mais nova não se sentia tão pressionada, mas que

hoje, ainda que sinta uma pressão maior, afirma que sabe lidar melhor com este sentimento do que antigamente.

Thamyres traz o aspecto de que ter um filho pequeno à faz ter mais momentos de atenção plena com ele. E que quando há a possibilidade de viver o momento de ócio, ela se permite, e que tenha que lidar com o sentimento de culpa após esse momento.

Assim como André, Thamyres expõe que a exigência de produtividade possui relação com o volume de atividades, impactando na qualidade da realização destes.

Mylena, 36 anos, a terceira entrevistada tem uma quantidade consumo de TV similar ao de Thamyres, em torno de 2 horas diárias ao fim do dia, mas faz mais consumo de TV aberta e fechada do que streaming. Para ela, o consumo de TV está ligado ao ato de tirar o foco do seu trabalho. A entrevistada expõe que enquanto assiste TV está mexendo no celular, e que não tem o costume de focar somente no conteúdo televisivo.

Mylena tem o programa Café da Manhã em comum com André e “Calcinha Larga”, podcast sobre o universo feminino, com Thamyres. O interesse de Mylena no podcast Calcinha Larga se dá por um reconhecimento e identidade com as apresentadoras e participantes. Mylena também é mãe, assim como Thamyres e as três apresentadoras do Calcinha Larga, Tati Bernardi, Helen Ramos e Camila Fremder.

A entrevistada explica que o seu consumo de podcasts ocorre durante o seu banho e que como os programas são de longa duração, é necessário que ela fracione o episódio.

Mylena começou a escutar podcasts no início desse ano, após se separar. Para ela, o podcast foi uma maneira de tirar o foco do fim do seu relacionamento e também de ouvir experiências de mulheres que passaram pelo o que ela estava passando.

Para a entrevistada, o ato de realizar tarefas simultaneamente está ligado aos profissionais de comunicação, em especial os publicitários por serem de um setor mais criativo. Para ela, profissionais de profissões mais operacionais podem ser exigidos de uma forma diferenciada. e também está ligado à maternidade, relativizando dois pontos importantes da sua vivência. Para ela apenas atividades ao ar livre ou um livro podem gerar atenção plena. Dos entrevistados, Mylena foi a única a pontuar que o excesso de produtividade pode adoecer. Ela se sente angustiada e frustrada ao descrever os impactos gerados pela exigência de produtividade, impactando a sua relação no trabalho e na vida pessoal, com o seu filho e amigos.

Para Daniele, 41 anos, tem consumo televisivo similar a Thamyres e Mylena, de duas horas diárias por dia durante a noite. Mas aos finais de semana o consumo cresce, o que não acontece com as duas outras entrevistadas. Podemos pontuar que essa diferença se dá pelo fato de Thamyres e Mylena serem mães - elas mencionam que antes da maternidade consumiam mais TV.

Para a entrevistada o consumo de TV é bem consistente, chegando a afirmar que “para mim ela é quase como uma ocupação mesmo, tem hora até que fico incomodada comigo mesmo, que eu tenho outras coisas para fazer que são importantes e necessárias e estou ali assistindo televisão e deixando de fazer as coisas necessárias.”. O seu interesse pelo meio é gerado pela busca de entretenimento e também distração, outro ponto em comum com Mylena.

Dos entrevistados, Daniele é a única que possui o hábito de consumir áudio. Mas diferentemente da televisão, essa mídia é usada enquanto realiza outras atividades, principais os afazeres domésticos como limpeza e cozinha. Para ela, o rádio é um meio completo, pois entrega informação, novidades e música. Ela afirma que ao longo do tempo foi refinando o seu gosto pelo meio, deixando de consumir estações mais populares e passando para as mais nichadas, mencionando Rádio Eldorado e Rádio Cultura. Essa refinamento ocorreu também no consumo de TV.

Daniele começou a escutar podcasts há dois anos como uma alternativa ao rádio, pois possui o costume de ouvir antes de dormir e o podcast permite que não haja luminosidade, assim ela diminuiu seu tempo de tela antes de dormir.

Novamente o Calcinha Larga é citado como podcast consumido, e também o Flow Podcast e o Podpah, citados anteriormente por André.

Para Daniele o consumo de podcasts se dá durante o deslocamento e antes de dormir. Os conteúdos mais longos são fracionados de acordo com a distância que ela percorre. A entrevistada menciona só escutar podcast durante a realização de afazeres domésticos se o mesmo for muito interessante e se por alguma razão ela não ter conseguido ouvir na íntegra. Por não consumir jornal, Daniele explica que o seu interesse em podcast ocorre por uma procura de um jornalismo aprofundado.

Daniele afirma que as tecnologias digitais não tiveram efeito sob a sua maneira de realizar tarefas simultaneamente, pois já as fazia antes de ser tudo digital. Ela afirma haver uma exigência de produtividade na sociedade, mas que ela não se vê afetada no âmbito dos podcasts, em uma cobrança de estar sempre informado. Para ela a cobrança de produtividade ocorre no âmbito do trabalho, em se sentir realizado profissional e também possuir independência. Ela se sente sobrecarregada sob esse aspecto e usa da televisão como fuga, se cobrando posteriormente pelo tempo gasto em frente às telas quando tinha outras atividades para realizar. Diferente do podcast, que ela não deixa de realizar outras tarefas para consumir, e o vê como um momento de lazer. Para Daniele, a televisão está relacionada ao ócio.

Quando questionada sobre a exigência de produtividade na sociedade contemporânea, a entrevistada levanta a diferença de exigência sobre homens e mulheres, tema que não foi pontuado pela primeira vez durante as entrevistas. A entrevistada também

aborda a questão da maternidade sob o mesmo viés que Mylena: o tempo dedicado ao filho. Enquanto Mylena se cobra por não dispor do tempo e da atenção que gostaria para o seu filho, Daniele usa esse ponto para justificar a sua decisão de não querer ter filhos.

Roberto, 52 anos, o quinto entrevistado afirma fazer o consumo de streaming para ver séries e filmes diariamente após o trabalho e também aos finais de semana. Assim como André e Thamyres, o consumo de rádio ocorre apenas durante a mobilidade. Ele comenta que antigamente, quando passava mais tempo no trânsito, o seu consumo de rádio era muito maior, inclusive aos finais de semana, sendo esse tempo substituído pelo consumo de streaming musical, que contém música e também conteúdo jornalístico, que eram os dois conteúdos que o rádio ofertava.

O entrevistado começou a ouvir podcasts há um ano e meio e consome gêneros jornalísticos de longa duração, como Medo e Delírio e Foro de Teresina, que fornecem um jornalismo aprofundado. O seu consumo se dá durante o seu horário de almoço e também em casa, em um tempo dedicado exclusivamente para essa escuta. Para ele é importante que haja atenção na escuta, de forma que ocorra um entendimento do conteúdo.

Roberto começou escutando podcasts durante o seu deslocamento pra o trabalho, mas por sentir que não absorvia bem o conteúdo, decidiu dedicar um tempo exclusivo para essa escuta. Uma maneira de consumir o podcast diferente dos outros quatro entrevistados, que também fazem consumo do gênero jornalístico.

Assim como Daniele, Roberto afirma que o ato de realizar multitarefas sempre foi presente para ele, independente dos avanços tecnológicos e das mídias digitais. Para ele, há uma exigência em ser produtivo no trabalho, principalmente no atual momento que vivemos. O entrevistado se sente “massacrado” e estressado perante essa cobrança, afirmando não ter tempo de ócio disponível.

Através da pesquisa qualitativa foi possível validar pontos trabalhados anteriormente nesta pesquisa, como o *wonderful world* de Antas Jr. (2007), que explica que o há uma insatisfação crônica que acomete todos os indivíduos com acesso à informação, ponto levantado unanimamente por todos os entrevistados aqui.

Foi possível perceber também a disciplina presente no ritual de consumo do podcast, característica que podemos relacionar com Foucault (1987), em que o ser precisa ser disciplinado em seus gostos e hábitos a fim de favorecer uma acumulação ampliada. O *ócio criativo* de Masi (2001) também está presente neste ritual, em que os entrevistados procuram a produção de conhecimento no menor tempo possível, essa que adquiriu um enorme valor econômico na sociedade contemporânea.

Lazzaro e Negri (2001) estão presentes no depoimento de André, 18 anos, que explica que faz uso do seu tempo de ócio para organizar as suas próprias atividades, indo de encontro ao ócio taylorizado dos autores.

A entrevistada Myrela aborda em suas respostas a não separação entre trabalho e vida pessoal, fazendo com que tenha que exercer em tempo integral a sua criatividade. Esta intensificação do trabalho ligado a insegurança no emprego e a sua relação com doenças decorrentes do stress de atividades laborativas retratada por Myrela foi trabalhada aqui anteriormente por Antunes (1999).

Assim como Roberto, o entrevistado de maior idade, que trouxe em seu depoimento a cobrança sob o consumo, tema abordado no capítulo 3 por meio de Miller.

## 7 Conclusão

Como pudemos analisar, podcasts são programas de áudio em formato digital que podem ser produzidos em múltiplas linguagens, onde o ouvinte é capaz de baixar o conteúdo para consumir online ou offline. Os podcasts podem entregar outros tipos de mídias digitais, como os vídeos, dependendo da plataforma em que o programa está hospedado. Um exemplo é o Flow e o PodPah, presentes também no Youtube.

Em 2020 o Brasil liderou o ranking de países com maior crescimento na produção de podcasts. O crescimento segue a tendência da cultura sob demanda que vivemos atualmente. Segundo pesquisa da plataforma Gente, do Grupo Globo (GLOBO, 2021), brasileiros com idade entre 25 e 34 anos estão no grupo que mais consomem o formato. A classe social C corresponde por 51% do público, e a A/B por 35%. A região Sudeste corresponde representa 46% dos ouvintes.

A pesquisa do Grupo Globo (2021) pontua um consumo que foi possível analisar durante as pesquisas em profundidade, em que 44% dos entrevistados consomem podcast junto com tarefas domésticas, 38% enquanto navegam na internet, 25% antes de dormir, 24% enquanto trabalham/estudam, 24% em mobilidade, 20% junto com atividades físicas e 18% em momentos de cuidados pessoais.

O podcast é uma mídia que atende a todas as rotinas. Entre os ouvintes do formato, 81% consomem pelo menos uma vez na semana, sendo 43% de 1 a 3x/semana. O tempo de consumo no dia também cruza com a pesquisa em profundidade, em que 25% ouvem de 1 a 2 hrs por dia e 20% de 31 a 60min.

Entre os entrevistados, 66% consomem com frequência por terem muito interesse pelo assunto. O aprendizado é o que permeia o interesse em todas as faixas etárias, sendo que o entretenimento vai perdendo espaço ao longo delas. Na pesquisa em profundidade, Daniele e Roberto, os de faixa etária maior afirmaram procurar por um jornalismo mais profundo.

Esses dados em conjunto com as observações levantadas pelos entrevistados sobre a relação entre a exigência de produtividade contemporânea, alinhando a necessidade de realizar tarefas domésticas juntamente com a busca por conhecimento, acaba nos denunciando o mundo acelerado do progresso e do trabalho que vem gerando patologias nessa sociedade do cansaço. O ócio, buscado por nossos entrevistados, vai na contra mão dessa ordem produtiva. Por essa razão gera os sentimentos de angústia, pressão e esgotamento, já que é uma resistência no mundo que nos cerca.

O cenário produtivo gerado na sociedade Pós-Industrial de aumento de produtividade e sobrecarga de trabalho sobre o homem passou a gerar situações de sofrimento psíquico e social. Apesar de o foco desta pesquisa ser o consumo de podcasts, é impossível seguir sem falar sobre a influência do trabalho nas relações sociais e nos aspectos comportamentais da sociedade, que acabam por impactar diretamente o consumo dessa

mídia.

Retomando o problema deste estudo, em que buscou-se responder qual o objetivo do consumo de podcasts durante os afazeres diários e a sua relação com a exigência da produtividade na contemporaneidade, foi possível concluir que o podcast não é visto como lazer e/ou ócio, mas sim como mais uma atividade a ser cumprida entre tantas outras: a de estar bem-informado, e de suprir uma demanda de tempo que exigiria atenção plena caso fosse realizada por outra mídia, como a televisão ou o jornal impresso.

Essa pesquisa possui limitações já que a amostra da pesquisa qualitativa se deu por convêniência e não é representativa da população, mas ainda assim é possível que seja continuada a fim de aprofundar a relação entre podcasts e produtividade por gêneros.

## Referências

- ALDAY, M. A.; ARA, A. F. Impacto econômico del ocio em el siglo XXI. **Arbor: Ciencia, pensamiento y cultura**, Arbor: Ciência Pensamento e Cultura., n. 754, p. 351 - 363, 2012. ISSN 0210-1963.
- ÁLVAREZ, E. G.; SINTAS, J. L.; SAMPER MARTÍNEZ, A. Retos y tendencias del ocio digital: transformación de dimensiones, experiencias y modelos empresariales. **Arbor**, v. 754, n. 188, p. 395 - 407, abril 2012.
- ANTAS JR., R. M. **Desafios do consumo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. [S.l.]: Boitempo, 1999.
- ASSIS, P. Podcasting como ferramenta de distribuição de conteúdos digitais via internet. **INTERCOM**, 2010.
- BARBOSA, L. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. São Paulo: FGV, 2006.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos (1968)**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOURDIEU, P. **Distinction**: a social critique of the judgement of taste. London: Routledge: Kegan Paul, 1984.
- BRAGAGLIA, A. P. Comportamentos de consumo na contemporaneidade. São Paulo, v. 7, n. 19, p. 107 - 124, 2010.
- CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CAMPBELL, C. . **Eu compro, logo sei que existo**: as bases metafísicas do consumo moderno. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CASTRO, G. G. da S. Podcasting e consumo cultural. : **Revista eletrônica e-COMPÓS**, Belo Horizonte, 2005.
- CETIC.BR. **TIC Domicílios 2018**. 2018. Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/analises/>: Acesso em: 02/09/2021.
- CHAUÍ, M. de S. Uma ideologia perversa: explicações para a violência impedem que a violência real se torne compreensível. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 5 - 3, 1999.
- COSTA, J. H. “**Ócio improdutivo ou lazer subversivo? Crítica da economia política do tempo livre socialmente produtivo**”. 2017. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/ccc/2017/04/critica-economia-politica.html><http://hdl.handle.net/20.500.11763/ccc/2017/04/critica-economia-politica>. Acesso em: 15/10/2021.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **The world of goods**. London: Allen Lane, 1979.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.



- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRADUA, I. A.; CABRERA, M. S. El ocio como valor en la sociedad actual. **Arbor: Ciencia, pensamiento y cultura**, n. 754, p. 283 - 291, 2012. ISSN 0210-1963.
- GLOBO. **PODCASTS E A CRESCENTE PRESENÇA ENTRE OS BRASILEIROS**. 2021. Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>. Acesso em: 16/10/2021.
- GRANOU, A. **Consumo y producción en el sistema capitalista**. Barcelona: Cuadernos Beta, 1972.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2000.
- HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, v. 15, n. 37, p. 101 - 106, 2009.
- IAB BRASIL. **ESTUDO SOBRE O CONSUMO DE ÁUDIO DIGITAL 2021**. 2021. Disponível em: <https://iabbrasil.com.br/pesquisa-estudo-sobre-o-consumo-de-audio-digital-2021/>. Acesso em: 04/05/2021.
- IBGE. **Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>. Acesso em: 02/09/2021.
- INÁCIO, H. L. de D. **Os interesses contemporâneos no lazer empresa**. Campinas: Papyrus, 1999.
- JENKIS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MARCASSA, L. **A INVENÇÃO DO LAZER: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo**. 2002. Dissertação (Educação Brasileira) – Universidade Federal de Goiás.
- MARTINS, J. C. de O. *et al.* De Kairós a Kronos: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 15, n. 2, p. 219 - 228, 2012.
- MARTINS, J. C. de Oliveira et al. De Kairós a Kronos: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 219 - 228, dezembro 2012.
- MARX, K. **Prefácio à Crítica da economia política**. São Paulo: Coleção Os pensadores., 1859.
- MASCARENHAS, F. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer**. Campinas: [s.n.], 2005.
- MASI, D. de. **O Ócio Criativo**. [S.l.]: Sextante, 2001.

MILLER, D. Pobreza da moralidade. **Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**, Ed. UFF, Niterói, 1995.

MILLER, D. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33 - 63, 2007.

MUÑOZ, P.; MARTÍ, J. **Engagement marketing**: una nueva publicidad para un marketing de compromiso. Madrid: Pearson Educación, 2009.

PALFREY, J. **Nascidos na Era Digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PALMIERI JÚNIOR, V. **CAPITALISMO E SOCIEDADE DE CONSUMO: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE O CONSUMO E MODO DE VIDA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**. 2012. Dissertação (Desenvolvimento Econômico) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.

PONZIO, A. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PRATA, M. C. C. A. G. **Ócio experiencial**: antecedentes y características. [S.l.]: Arbor: Ciência Pensamento e Cultura., 2012.

PRIMO, A. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. In: **VIII Seminário Internacional da Comunicação – Mediações Tecnológicas e a Reinvenção do sujeito**. [S.l.: s.n.], 2005.

REFLEXÕES sobre as diferentes facetas do ócio nos tempos contemporâneos. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 121 - 137, enero-abril 2015.

RETONDAR, A. A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 137 - 160, 2008.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. **Reuters Institute Digital News Report 2019**. 2019. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/risj-review/digital-news-report-2019-out-now>. Acesso em: 02/09/2021.

ROCHA, E. Culpa e prazer: imagens do consumo na cultura de massa. **Comunicação, Mídia e Consumo.**, v. 2, n. 3, p. 123 - 135, março 2005.

ROSSO, S. D. **Mais trabalho**: a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, M. **Técnica espaço tempo, globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SEKORA, J. **Luxury**: the concept in western thought, Eden to Smollett. Baltimore: John Hopkins Press, 1977.

SEVERIANO, M. de F. V. **As subjetividades contemporâneas sob o signo do consumo**. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, E. Vídeo da apresentação do Premio Podcast 2008. In: \_\_\_\_\_. **Blog do Prêmio Podcast**. [s.n.], 9 de dez. 2008. Disponível em: <http://premiopodcast.com.br/>.

SPYER, J. **Para entender a internet: Noções, práticas e desafio da comunicação em rede**. 2009. Disponível em: <http://paraentenderainternet.blogspot.com/>. Acesso em: 02/09/2021.

VANASSI, G. **Podcasting como processo midiático interno**. 2007 – Universidade de Caxias do Sul.

WEBSTER, T. **The podcast consumir**. 2009. Disponível em: <https://www.edisonresearch.com/>>. Acesso em: 02/09/2021.

## **Anexos**

### ANEXO 1 - Roteiro-base

- 1) Nome, função, tempo de experiência, idade, formação, descrição das atividades
- 2) Costuma assistir televisão (linear/streaming)/ouvir rádio/ler jornais (papel/web)? De que maneira se dá este consumo?
- 3) Há quanto tempo escuta podcasts e quais escuta?
- 4) Como a escuta de podcasts está presente no dia a dia? (Existe uma rotina?/Quantos podcasts consome semanalmente? Qual a duração de cada um deles?)
- 5) Desde que começou a consumir podcasts, houve alteração na forma de escuta?
- 6) Quais os seus objetivos ao escutar podcasts?
- 7) Você realiza atividades simultaneamente?
- 8) As tecnologias digitais e as mídias afetam essas atividades?
- 9) Qual sua percepção sobre a produtividade no mundo contemporâneo? Você acredita haver uma exigência em ser produtivo? Qual o seu sentimento referente à isso? (se sente afetado diretamente? mudança de comportamento para atender à demanda?)
- 10) Como você descreveria tempo de ócio, tempo de lazer e tempo de trabalho? Qual a sua opinião sobre a influência da produtividade e da multitarefas nesses tempos?
- 11) Como você relaciona a exigência de produtividade com multitasking (fazer várias tarefas simultaneamente)?

## ANEXO 2 – Transcrição das entrevistas

**Nome: André Almeida. Idade: 18 anos. Formação: Jornalismo**

**Tamiris:** Vou pedir para você começar se apresentando. . . Seu nome, sua profissão, experiencia profissional.

**André:** Sou André Almeida, tenho 18 anos e faço Jornalismo na Cásper. Minha trajetória começa ligada a esporte. . . sempre gostei muito de esporte, por isso que gosto tanto de jornalismo esportivo. Apesar de não praticar nenhum esporte nesse momento. E justamente porque eu gosto muito de podcast, esse assunto acaba entrando na minha vida. Eu passei por um site que chamava (renew) esporte, site de pré-jogo. Tipo assim, se o cara quer apostar, ele precisa ir no site x e ver como o time está, para ver em que apostar. Ai você faz tudo e tal. Depois que fiquei nesse site, entrei na parte de podcast que eles faziam. É um site colaborativo. Então eles chamavam várias pessoas, e “ah, você vai ser o repórter da Croácia”, que era o meu caso. Então eu via a tabela do campeonato croata e falava os resultados, falava em cima, fazendo uma mini reportagem de 2 a 3 minutos. E mandava para o cara, o cara editava, o cara fazia. Ai depois de um tempo fui fazendo. . . e como é uma coisa colaborativo não tem como você voltar. Depende da disponibilidade de cada um. Depois de um tempo passei a editar e a apresentar os podcasts. Fiz esse de futebol europeu, um giro por toda a Europa, e tinha um de papo arretado, que é um podcast nordestino. Pegava três, quatro estados nordestinos e fazia. Aí eu pegava e apresentava tudo, e fazia. Ai já começou nesse sentido. . . aí depois sai desse site colaborativo fui para uma rádio, tentei incentivar podcast mas não virou tanto. Nesses últimos tempos estou trabalhando com assessoria de imprensa, tem a Tatá que tem o PODDELAS, que é um podcast que está em alta. É um universo que eu não entendo muito mas acompanho, faço release e tal. O esporte está sempre comigo, sempre acompanho e sempre faço.

**Tamiris:** Queria saber um pouquinho sobre seu consumo de televisão linear, tv a cabo, ou aberta. Ou só streaming. . . se você costuma ouvir rádio, ler jornal. Como é o seu consumo dessas outras mídias.

**André:** Tipo assim, na tv geralmente é mais quando estou em casa com a família. Eu janto muito com meus pais, e nos três costumamos ver tv juntos, comentar um pouco. É algo meio ritualístico até. Acho que isso passa por outras famílias. O rádio entra mais na hora de transmissões esportivas. Eu gosto muito, então radio pra mim é só pra esporte quando estou no carro, mas ouve assim de tabela. Eu gosto de ouvir o jogo no rádio, tem algo diferente, uma energia. Tem amigo meu que fala “como você vê jogo no rádio” étudo muito corrido, ninguém explica nada. É gosto de cada um. Em relação a jornal assim, eu vejo uma outra matéria de jornal que eu gosto, mas focado em esporte. Mas matéria eu vejo mais quando recebo no insta ou vou no G1 e leio, é algo mais espontâneo. Não tem um ritual, como vou ler todo dia de manhã. Não consumo livro constante. Acho que

praticamente é isso. E streaming, eu gosto muito de jogar vídeo game. Eu tenho muito acesso a streaming, mas eu não costumo muito ver. Não consigo ficar parado, gosto de estar em movimento. Até por isso essa coisa de podcast. Eu lavo louça e fico ouvindo.

**Tamiris:** Então você pode me descrever um pouquinho: Você ouve rádio mais no deslocamento, ou para transmissão esportiva. E quando você está ouvindo essa transmissão esportiva, você está se dedicando totalmente a essa transmissão? Você está fazendo outra coisa e escutando ou normalmente você está só escutando?

**André:** Geralmente eu coloco o jogo na tv e ouço com o rádio. Eu gosto de ver futebol, tipo assim, não gosto de ficar mexendo em outra coisa paralela. Gosto de ver o jogo. Tem os 45 minutos, vou assistir 45 minutos. Depois descanso, paro e mais quarenta e cinco. Acho que é um pouco também porque, quando eu estive nessa rádio, fiz muita transmissão de rádio. Então você precisa ficar muito focado, não pode perder detalhes, qualquer coisa. Isso transfere um pouco pra quando vai assistir. Peguei esse hábito de focar bastante quando estou vendo a partida, não perder nenhum detalhe. Aí eu faço isso, coloco as duas mídias juntas para ter uma experiencia melhor.

**Tamiris:** E sobre a televisão com os seus pais. Normalmente vocês estão para assistir tv, ou estão jantando com a tv ligada? Como funciona?

**André:** Eu acho que a tv faz parte da casa né. Faz parte do sonoro do ambiente. Por exemplo quando eu ficava na minha avó era de praxe ter o Globo Esporte. Se tivesse outro programa, era para tirar a TV. Era o Globo Esporte, o SPTV e depois o Jornal Hoje. Então assim, a gente come e tal, e a TV é como se fosse alguém que estivesse na mesa. Ela faz presença. A gente gosta de ouvir, gosta de ver. A gente acaba nem comentando tantos, mas só de estar lá e existindo, ela faz parte da mesa, do ambiente que está a família também.

**Tamiris:** E qual o seu objetivo quando você está assistindo tv? É mais presença, pelo o que você me descreveu, você está buscando conhecimento, entretenimento? O que você busca enquanto você está consumindo cada uma dessas mídias?

**André:** No caso da tv é para trazer mais as informações e as imagens, que às vezes você não tem acesso. Você vê a notícia no insta e tal, mas você não vê o que aconteceu. Ver o repórter, ver a situação, ter um pouco mais de detalhes. Quando eu vejo por exemplo agora a noite eu vejo aqui com pc, pra ver direito o que aconteceu. É mais o detalhamento da informação, que você acaba consumindo durante o dia. Ainda mais eu que faço jornalismo, você acaba sabendo o que acontece e você quer saber o que o principal jornal do país está falando. Acho que é essa maneira de sentar e acabar absorvendo as informações. É mais um informativo nesse sentido. Entretenimento nem tanto. Nunca fui de olhar para o entretenimento, The Voice, esses programas assim. Só mais futebol que vira parte da tv. Pra mim, se assinasse canal aberto e um canal de futebol já estaria suficiente.

**Tamiris:** Você acha que teve alguma alteração na forma de você consumir essas mídias ao longo do tempo? Você, mais jovem, para cá você acha que você se dedicava

mais a assistir ou menos? Se você consumia outras coisas do que você consome agora?

**André:** Acho que a tv caiu bastante. Não tem como a gente falar que ela continuou. . . só falar quando você era criança. Eu demorei para ter celular, tive celular com doze anos. Meus pais eram cismados com celular. Então eu nunca tive celular. Pra mim, quando eu tinha algum esporte, era quando eu ia saber tudo que estava acontecendo. Se eu não soubesse ali, eu ia demorar pra saber o que estava acontecendo. Pra mim era saber: como está o meu time? Aquilo era a minha fonte da informação. Depois, com a passagem do tempo, você sabe que aquilo é irrisório do tanto da pandemia da informação. Em qualquer lugar você pode acessar. Tem vídeo no youtube. O streaming e o youtube pra mim acabou por substituir a tv. Se eu tô sozinho em casa é um youtube junto, um podcast. Essas mídias secundárias elas acabaram absorvendo o lugar que antes era da tv. Antes que eu ficava com a minha vó junto, ficava ali ouvindo a TV de tabela. Então quebrou totalmente esse paradigma que tinha antes. De resto acho que só isso que realmente mudou. A tv acabou diminuindo e os outros crescendo.

**Tamiris:** Entrando no mundo dos podcasts, a quanto tempo você escuta? Você sabe quando começou a escutar?

**André:** Não lembro o ano, mas lembro o programa. Acho que foi volta de 2015 mais ou menos, que tinha a sequência dos filmes e eu parei para ouvir. Foi mais porque o youtuber que eu gostava muito postou os vídeos, ah isso é podcast, aí eu vi lá uma hora falando sobre Marvel. Aí era uma imagem parada, eu ia ouvindo né. . . “nossa, que bagulho diferente”. Fui ouvindo e fui gostando. . . foi algo que eu fui aprendendo. Em casa inclusive, eu não tinha o Spotify, eu estava sem. Eu gostava muito de ouvir música e não tinha. Como eu não tava com tiro na época para conseguir, eu crackeei o spotify e fiquei ouvindo as coisas, as músicas, os podcasts. Desde daquela época eu acompanho. Depois de 2015 eu parei um pouco, mas nos últimos 3, 4 anos para cá eu tenho acompanhado mais, tem estado recorrente no meu dia a dia.

**Tamiris:** E como é esse consumo no seu dia a dia? Quando que você costuma escutar? Você tem alguma rotina que envolva o podcast?

**André:** Ah, pra mim eu tenho que ter o Café da Manhã. Se eu não tiver o Café da Manhã eu me sinto desatualizado do que aconteceu. Acho que o slogan “o podcast mais importante do seu dia” é verdade né, porque ele vai te deixar a par do que está acontecendo. Então pra mim, ele faz parte do meu ritual. Às vezes eu escuto na academia, ou em um momento que dá mais pra ouvir um pouco, ou quando você tá lavando louça e tal, ele faz parte de mim. E tem aqueles podcasts que são coisas do momento né. . . as vezes eu gosto de ouvir o “caso Evandro” que é um conto famoso lá e tal, que conta a história. Você vai e ouve, porque assim, “ah, vou viajar”, então são coisas que são locadas né, são épocas né. Mas o Café da Manhã é um que sempre seguiu. Esses de meda redonda assim, esses de futebol, de correspondente premium de futebol também, é um que fica assim, depende da época né. Mas o Café da Manhã é um que quando sai o episódio do podcast eu já quero



ouvir, não quero perder.

**Tamiris:** Se eu fosse descrever a sua rotina, eu posso falar que você escuta quando está na academia, lavando louça, no transporte (deslocamento)?

**André:** Isso.

**Tamiris:** Você tem ideia de quantos podcasts consome por semana?

**André:** Por semana. . . acho que uns 5, 6. Porque são uns 3 de esporte e uns 3 informativos. E ainda tem uns, que eu gosto de crime. Às vezes aquele podcast te pega e você assiste. Acho que uns 6, 7.

**Tamiris:** E de duração variável? Ou são todos com duração similar?

**André:** Por exemplo, o Café da Manhã é um pouco mais curto, máximo meia hora, trinta e poucos minutos. Esses mais curtos eu ouço desde o início do dia. Ai os maiores, to ouvindo agora o do Mano Brown, ta com duas horas e poucas. Tem alguns longos assim. E não é porque eu não gosto, é porque eu realente não tenho tempo pra ver. Se eu tivesse tempo escutaria. Por exemplo, o do Lula, eu quis escutar tudo porque, pô, é um personagem extremamente complexo, muito louco de se ver. Então ouvi tudo já, direto. Quando é algo absurdo assim eu ouço, mas por causa do tempo é complicado.

**Tamiris:** Você começou a consumir podcast em 2015. O seu consumo de lá, e o seu consumo de agora, teve alguma alteração? E se sim, como é que foi essa mudança no seu jeito de consumir?

**André:** Eu passei a valorizar mais a produção do podcast. Eu comecei escutando como mesa redonda, aquela coisa dos caras debatendo e tal. E pra mim saturou. Não sei bem se saturou, mas não sei se isso é podcast pra mim. Por exemplo, esse Flow, Podpah, acho que não é mais podcast, virou mais vídeo. A experiência do cara que ta no podcast é diferente do cara que ta no vídeo. Para mim são coisas distintas. O cara que está no podcast vai ter uma experiencia inferior. Para mim não pode ser colocado como podcast o Podpah. Esses formatos de mesa redonda perdeu um pouco a partir do momento que eles são compartilhados com vídeo. Acho que desvaloriza um pouco, mas eu ainda assisto. Gosto mais de coisas mais elaboradas, como o próprio caso Evandro, o próprio Anatomia do Crime, que é outro que eu assisti recentemente, que eu gosto. Como eu estou valorizando produções que possuem uma capacidade de storytelling mais avançada, acaba virando parte disso. E hoje como eu acabo estudando e fazendo podcast também, é uma parte que virou hobby praticamente, depois que você entra de cabeça.

**Tamiris:** E quando você consumia lá em 2015, você também consumia enquanto tomava café da manhã, enquanto você estava se deslocando pela cidade. . . As suas formas de escuta eram as mesmas de hoje?

**André:** Ah, eu acho que em parte sim. . . Acho que quando você tem um pouco mais de tempo, você pode estar em qualquer lugar e pode estar ouvindo. Ai hoje eu tento valorizar um pouco mais. Tipo assim, eu sei que vou estar no café do manhã e vou conseguir prestar um pouco mais de atenção. Antes eu só ouvia e ouvia de tabela assim sabe, de você estar

ouvindo assim e ter alguma coisa de fundo, sem prestar atenção. Hoje não, eu quero estar ouvindo mas prestando atenção. Às vezes eu to lá na academia mas to fazendo exercício e ouvindo um negócio que, pausa, faz o negócio e depois você volta a fazer o negócio. Descansa ouvindo, senão você não vai conseguir fazer as duas coisas. Então tem que focar.

**Tamiris:** Legal que você falou isso sobre fazer duas coisas ao mesmo tempo. Eu ia te perguntar se você costuma realizar atividades simultâneas. . . isso que você falou de estar assistindo tv e escutando rádio. Mas não só ligado aos meios que estamos falando aqui, mas ligado a outras coisas. Você está trabalhando e, não sei, fazendo carinho no cachorro sabe. . . se é uma coisa que esta muito presente para você.

**André:** Ah, é assim. Eu saio com o celular na mão né. Eu gosto muito de ver as coisas né, eu tenho que ter algo de fundo par me acompanhar. O próprio podcast é assim. Eu lavo louça ouvindo podcast é um clássico né, mas para mim é fácil né. É um negócio que você vai ali e eu consigo prestar atenção nos dois e fazer direito, vai. Às vezes quando eu to no trabalho, às vezes da uma complicada vai. Você trabalha e ta ouvindo um musiquinha, um negócio de fundo vai, ou um negócio que é muito importante não dá pra fazer outra coisa, você tem que parar né, e fazer o negócio certo. Se não, você não vai fazer nem um nem o outro. Você vai ter que escutar o podcast de novo ou refazer o trabalho de novo. Então é melhor você parar e fazer uma coisa bem-feita. Pra mim é um pouco disso. E quando é uma coisa trivial, você está arrumando o quarto, arrumando alguma coisa assim, é mais tranquilo. Mas quando é um negocio mais importante, que vai ter um impacto de alguma maneira, ai você tem mesmo que parar, se não vai atrapalhar.

**Tamiris:** E você acha que as tecnologias digitais e as próprias mídias elas afetam essas atividades? A evolução digital, o modo que os aplicativos vêm se desenvolvendo. . . você acha que eles estão buscando te ajudar nessa coisa de fazer coisas simultâneas?

**André:** Ah, isso é verdade. O intuito é mesmo fazer você fazer o máximo de coisas possíveis juntas. E você acabar fazendo nada depois né. O principal problema que eu tenho é notificação né. . . aparece notificação, saiu aqui o podcast, saiu aqui o vídeo, saiu aqui o negócio no Instagram. E aí você fica aterrorizado, não sabe o que fazer né. Porque assim, a tecnologia vem para ajudar nessa parte de multitarefa né, porque por uma parte você quer essa informação, mas você também precisa fazer a sua parte né. Então as vezes você fica nesse conflito de interesse o tempo todo né, porque as redes sociais são assim. São indicativas e querem que você fique, mas você também tem as suas coisas para fazer. Então fica nesse conflito. Mas ajuda a passar o tempo, como lavar louça. Mas tem o trabalho, você não pode deixar o trabalho à toa porque você tem um hobby que você gosta, sabe. Então às vezes fica nessa questão que você fica dividido. Dá pra fazer ou não dá pra fazer isso junto? Ai com o decorrer do tempo você aprende o que pode fazer ou não.

**Tamiris:** Uma pergunta mais aberta. . . qual a sua percepção sobre a produtividade no mundo atual?

**André:** Ah, acho que a produtividade, ela é tentar alinhar o melhor que você pode

fazer com o objetivo que você tem. Então pô, eu não posso falar pro meu chefe “ah, eu vou fazer o possível”, sabe? Eu tenho que fazer o melhor que eu posso. O médico não vai falar “vou fazer o possível por você”. Ele vai fazer o melhor que ele pode. A questão está em fazer o melhor que você consegue e tentar alcançar um objetivo x. o meu objetivo é fazer com que os releases sejam lançados. Então preciso fazer o melhor texto possível para que ele consiga. A minha produtividade é isso, alinhar os dois para que eles consigam ser alcançados de uma maneira real. As redes sociais e toda a mídia acabam complicando um pouco essa relação. Seria algo mais fácil se não tivesse a rede social, mas também é impossível viver sem ela. É uma questão complicada.

**Tamiris:** Você acha que essa questão de fazer melhor está diretamente ligada ao tempo?

**André:** Eu acho que o melhor, é aquela coisa né, às vezes você consegue alinhar os dois. O tempo, é uma coisa que você consegue fazer. Mas as vezes isso não acontece né. É complicado porque você precisa fazer o negócio ficar bom, mas ao mesmo tempo você precisa do tempo para pensar, para arquitetar. Às vezes não vai sair direito, vai sair com falhas, então o tempo é um fator, uma variante, que a gente precisa considerar. Muitas vezes quando você está fazendo um projeto você precisa do tempo, por exemplo, “vou dormir e ver como fica amanhã”, “será que essa ideia ta boa mesmo?”, “não, surgiu outra”. Mas você só tem o hoje. Você não pode esperar o podcast acabar e só daqui três dias pensar no release. Você tem que fazer no mesmo dia. O tempo é uma variante que é crucial que as vezes acaba com o projeto ou faz coisas geniais acontecerem porque você teve uma ideia brilhante em um segundo, sabe.

**Tamiris:** Você acredita haver uma exigência em ser produtivo?

**André:** Ah, acho que existe. Existe uma produtividade constante. Você sempre tem que estar no mesmo nível. Se você alcançou o grande, você tem que continuar aqui. Porque se não mês que vem vão falar que você diminuiu e que você está desleixado. E aí você inibe o seu crescimento, porque se não as pessoas vão ficar falando de você. Mas eu acho que essa exigência existe e acaba prejudicando muito o trabalho, porque tem uma pressão em cima de alguma coisa e se você não tivesse isso, você faria um trabalho melhor. Às vezes você não precisa da pessoa no seu pé.

**Tamiris:** E falando assim, você se refere só a trabalho ou a vida pessoal também?

**André:** Ah, um pouco de vida pessoal também. Acho que às vezes você é cobrado em questões “ah, porque você não foi em lugar x com a gente”, “porque você não faz isso”. E quando você diminui um pouco e faz uma conversa mais serena, as coisas vão melhorar um pouco. Você é cobrado muitas vezes de coisas que não tem necessidade. “você vai ou não vai?” talvez seja uma coisa minha né, eu que sou libra. . . fica aí no meio termo. Mas acho que existe sim essa coisa sabe.

**Tamiris:** E qual o seu sentimento referente a esse assunto, sobre essa exigência de produtividade? E se você pudesse definir em uma palavra, qual seria?

**André:** Uma palavra é difícil.

**Tamiris:** Tudo bem, enquanto isso você pode ir descrevendo como você se sente.

**André:** Ah, acho que nesse sentido, eu sou uma pessoa que quando está com uma questão muito complexa, eu penso na calma. Ela faz parte de mim. Se estou em um momento de pressão, eu preciso respirar para encarar da melhor maneira. Se você começa a entrar nesse frenesi que você recebeu essa exigência, tanto de trabalho ou por outras pressões que você tem, você não vai conseguir ter uma resposta certa para aquilo. Então acho que o sentimento que define é a calma. “você espera um minutinho para eu ver se eu penso um pouco?”, aí eu faço tal coisa. Porque se você for na mesma atoadada que vieram para você, ou você vai ter uma resposta muito errada, ou então vai ser muito grave com a pessoa. A pessoa vai receber isso como uma ofensa, vai receber da maneira errada sabe. Então acho que nesse momento de pressão, a calma me define. Em alguns momentos isso acaba não acontecendo, é complicado. Você está no stress da onda e tal e você não consegue se controlar porque é uma questão urgente, mas eu acho que no momento que eu consigo administrar, a calma é um sentimento que me define.

**Tamiris:** Você acha que ao longo da sua formação como pessoa, você teve alguma mudança para atender essa demanda de produtividade externa?

**André:** Acho que em parte sim. Uma coisa que eu tive que aprender foi como entender mais rápido, né. Às vezes você não entende de primeira e não pode ter dúvida. Eu entendi que assim, você não pode mais ter dúvida do que você tem que fazer. Pô, eu to de home office, se eu tiver que ficar com dúvida, não tem ninguém do lado para ficar perguntando. Se eu tiver que tirar a dúvida, tem que ser na hora. Não pode ser mais tarde porque se não a outra vai também e assim vai. Eu tive que tirar essa coisa do receio. O receio diminuiu. Eu preciso ser mais assertivo no que eu faço, porque se não eu vou acabar complicando a mim e as pessoas que estão ao meu redor.

**Tamiris:** E como você descreveria o tempo de ócio, tempo de lazer e tempo de trabalho?

**André:** Tempo de ócio você diz o que? Não entendi assim o que você diz

**Tamiris:** O tempo de ócio. O que seria um tempo de ócio para você? Ficar sem fazer nada? Um tempo de relaxamento? O que seria assim, dentro do seu dia a dia?

**André:** Ah, acho que o tempo de ócio é poder parar e ver como as coisas estão hoje. Eu já fiz tudo do meu trabalho? Acho que o tempo de ócio é eu relaxar assim e ver se está tudo em ordem. Todas as pendências estão feitas e agora eu posso descansar? Aí entra o tempo do lazer. O tempo do lazer é estar com os amigos, estar com as pessoas que eu quero, ver o computador um pouco. É esse tempo que fica pra mim, sabe? Se descansar, ver as pessoas que estão ao meu redor, o trabalho é a cobrança né? É a exigência, é tudo isso né. Aí você acaba ficando mais esperto, mais ligeiro, se não vai acarretar que eu não vou ter a calma que eu tinha antes para ter o lazer. Então é tudo um ciclo, está tudo junto. Se uma coisa não sai, não sai nenhuma.

**Tamiris:** Então você tem tempo de ócio, você tem um tempo que você não tem nenhuma pendência?

**André:** Às vezes é difícil né. Eu tenho esse tempo para ver quais são as próximas pendências. Às vezes acaba virando esse tempo de ócio de saber, “puts tá tudo bem, mas se dá para colocar depois não é uma coisa urgente”. Então é possível. Esse tempo de ócio é mais de parar e saber “nossa, não esqueci nada?”, “puts, vai dar tempo de chegar na entrevista?”. Eu estava preocupada em relação a isso. É uma coisa que eu não tive o tempo de falar “ah, vai dar tudo certinho”. Acabou embaralhando as coisas tudo e complicou.

**Tamiris:** Então o seu tempo de ócio é mais um planejamento do seu próximo passo.

**André:** Isso, de algo que eu vou fazer efetivamente.

**Tamiris:** Você acha que essa questão da exigência de produtividade influencia diretamente o multitasking? Que é você fazer várias tarefas ao mesmo tempo?

**André:** Ah, influencia. Porque é a mesma coisa, você tem uma pressão. Você tem vários objetivos, mas você tem a mesma pressão vindo para todos. Então você terminou um mas ainda tem todos os outros. Então assim, você precisa continuar tendo o mesmo ritmo e precisa entregar todos os trabalhos. Então eu acho que sim, essa exigência acaba afetando tanto no trabalho, que você precisa entregar na hora x e você tem que fazer, tanto quando você tá em casa e você precisa fazer. Mesmo que você tenha o conforto de casa, esteja aqui, você precisa continuar fazendo as suas coisas como sempre, se não você vai sucumbir, as pessoas vão ficar irritadas com você. E você não quer o conflito né. Você não vai buscar o conflito. Normalmente você tem que apaziguar isso, a questão da pressão, da exigência.

**Tamiris:** Agora a última pergunta. . . qual o seu objetivo quando você escuta podcast?

**André:** Acho que seria aprender. É que eu gosto muito de ouvir histórias. De saber como isso aconteceu, porque tal coisa foi assim. Para mim é um processo de ouvir e aprender. Acho que escutar é uma rica lição que a gente vai aprendendo e ainda mais quando você faz jornalismo, você quer saber mais sobre a fonte, como é que isso foi trabalhado. E você começa a gostar tanto da coisa que você quer pensar como isso foi planejado efetivamente. Como é que eles pensaram, como é que foi o planejamento disso. São elementos que quando você ouve você pensa “nossa, essa produção foi absurda”. Mas como é que chega nisso? Como é que editaram isso? É tão animal que você começa a pensar tudo por trás e se deus quiser ainda vou trabalhar com isso. O podcast pra mim é isso. É aprender, escutar e ouvir.

**Nome:** Thamyres Pimenta. **Idade:** 34 anos. **Formação:** Jornalismo

**Tamiris:** Pode começar se apresentando.

**Thamyres:** Thamyres também, com h e y. Eu tenho 34 anos, sou casada, tenho um baby de 2 aninhos, trabalho na Record atualmente, sou analista pleno de operações

comerciais né, que seria de comercial de TV. Que mais? Eu acho que é isso né. . .

**Tamiris:** Só descrever um pouco sobre a sua experiencia na area e as suas atividades.

**Thamyres:** Eu trabalho na Record já tem onze anos, vai para doze. Faz muito tempo já. Nunca tinha trabalhado com TV antes, eram outros empregos. Tudo que eu aprendi de TV foi com eles mesmo. Está sendo uma experiência legal assim.

**Tamiris:** E você costuma assistir televisão, seja ela TV paga ou por assinatura? Ou streaming?

**Thamyres:** Hoje em dia, já tem alguns anos, que a gente fica mais no streaming. E fica pouco na TV a cabo e tals. Tem uma coisa ou outra que sim, mas normalmente são os streamings que vieram aí para ficar agora.

**Tamiris:** E como você costuma assistir? Seja tv fechada ou streaming. Como é que é essa rotina? Você ta sozinha ou acompanhada?

**Thamyres:** Geralmente é mais no fim do dia, a noite. Depois que o bebê dorme, fica eu e o meu marido e ai a gente assiste a series, que a gente gosta bastante. Quando meu filho fica aqui de tarde comigo, hoje por exemplo ele não está, mas quando ele fica, e como não tem como dar conta dele e da casa e do trabalho, agora que a gente ta em home office, ai eu ligo um pouquinho para ele e ele acaba assistindo um pouquinho. Geralmente é streaming, aqueles desenhos. Mas assistir mesmo é mais no final do dia, a noite. É difícil eu assistir sozinha por exemplo. A não ser que tenha uma série que eu queira muito e meu marido não goste. A gente é bem companheiro nisso.

**Tamiris:** E você costuma ter o hábito de deixar a TV ligada e estar fazendo alguma outra coisa?

**Thamyres:** Não.

**Tamiris:** E rádio, você costuma ouvir?

**Thamyres:** A gente ouve mais quando eu preciso sair assim. Quando eu preciso ir na Record, ir em algum lugar um pouco mais longe, a gente ouve a 89fm.

**Tamiris:** Mas sempre dentro do carro?

**Thamyres:** É, sempre no carro.

**Tamiris:** E jornal? Você tem o costume de ler, seja físico ou online? Ou de assistir?

**Thamyres:** Assistir. . . faz tempo que eu não faço isso. As notícias estão meio pesadas ultimamente.eu ligo só pra ver o que é. Leio ali o GC e “ah ta bom, já sei” e desligo. E geralmente o Instagram mostra muita coisa para você. Notícias e tal. Faz muito tempo que eu não pego em um jornal físico. Acho que a ultima vez que a gente pegou foi para pegar coisa para embrulhar porque a gente ia mudar.

**Tamiris:** Então se eu fosse descrever o seu tempo de dedicação semanal a tv, esse tempo seria. . . Quanto tempo você acha que assiste à noite?

**Thamyres:** Semanalmente, juntando tudo, umas. . . depende. . . umas quinze horas mais ou menos.

**Tamiris:** Umas duas horas por dia mais ou menos?

**Tamiris:** Você acha que teve alguma alteração na sua maneira de consumir TV ou rádio ao longo da sua vida? Você acha que consumia a TV de um jeito diferente antes do que agora? Assim como o rádio. . . e se sim, se você pode me descrever quais foram essas mudanças.

**Thamyres:** Eu acho que eu mudei bastante de quando eu não era casada, de quando a gente não morava junto. Quando eu morava com a minha mãe, adolescente ainda, era bem diferente. Eu assistia TV. Muito mais TV. Era o que passava né, eu tava ali assistindo e fazendo outras coisas. Naquela época sim. Hoje eu percebo que eu dou um pouco mais de valor à saúde mental né. Procuro não ficar vendo muita coisa que me faça mal, né, que eu perceba que não está muito de acordo com o que ta acontecendo naquele dia ali. Eu passei a ficar muito mais tempo na tv. Eu via SPTV, HORA 1. . . esses programas assim mais sensacionalistas eu nunca fui muito chegada, mas já assisti. Eu percebi que não estava legal, que estava me fazendo mal. Aí fui diminuindo. Comparado a antes, eu assisto bem menos e assisto conteúdo que eu realmente escolho. Na tv você até tem a opção de escolher, mas é muito por drive. Os programas de um canal para outro, mesmo que mude a emissora, são muito parecidos. Agora com os streamings não, você.. quero ver comédia, quero ver romance, sei lá, terror, suspense, você escolhe né, então eu acho que fica mais gostoso, né.

**Tamiris:** E qual o seu objetivo quando você vai assistir TV?

**Thamyres:** Me distrair. Distrair um pouco, sair um pouco das coisas do dia a dia.

**Tamiris:** E aí entrando um pouco em podcasts. . . faz quanto tempo que você começou a escutar essa mídia (podcast)?

**Thamyres:** Acho que foi um pouco antes da pandemia. Acho que em 2019. Ou 2018, eu ainda estava grávida. Foi antes de engravidar um pouco, eu já estava começando a ouvir podcasts indo trabalhar. Então eu ia trabalhar, colocava o fonezinho e ia ouvindo. E aí foi se intensificando. Aí parou um pouco porque eu fiquei de licença maternidade, aí para e aquela coisa. Ai depois eu voltei pro trabalho e de novo aquela coisa, fone de ouvido e ia trabalhar ouvindo. E as vezes no trabalho, fazendo alguma coisa, colocava o fone e ficava ouvindo. E aí ficou mais acessível ainda. E hoje ainda ouço dessa forma. Eu to trabalhando, tenho que fazer alguma coisa, boto o fone e vou ouvido.

**Tamiris:** Então a sua forma de ouvir podcast normalmente é no deslocamento e durante o trabalho?

**Thamyres:** Isso!

**Tamiris:** Você chega a lavar roupa, a louça, ou limpar a casa ouvindo podcast também?

**Thamyres:** Sim, super!

**Tamiris:** E quais que você costuma escutar?

**Thamyres:** Eu tava muito vidrada no começo no Mamilos, das meninas. Eu gosto

muito delas. Mas faz tempo que eu não ouço. Ouvia alguns que eu não vou lembrar o nome, mas são da minha área, que eu gosto. Não da área de trabalho atual. Eu gosto de ouvir muito sobre yoga. Tem uns que falam mais ou menos nessa área e hoje eu ouço bastante o Calcinha Larga.

**Tamiris:** Você tem uma rotina para escutar? Você falou que está de home office e a sua escuta estava muito ligada ao deslocamento. Hoje você tem uma rotina? Como “puts, sempre que vou fazer tal coisa eu faço isso escutando podcast”? Como que funciona o seu dia a dia com essa escuta?

**Thamyres:** Ah, quando meu filho não está aqui, porque ele fica aqui duas vezes por semana. As outras três vezes eu tenho que fazer um trabalho e tenho que ficar muito sentada ali, fazendo aquilo, eu já coloco. Eu acho que quase o dia todo né. . . Porque eu ouço ali e se eu preciso sair da minha mesa, fazer alguma coisa na minha casa, eu continuo ouvindo também. Então com a questão do home office hoje não é mais só no deslocamento, é mais constante, mesmo em casa.

**Tamiris:** E quantos episódios você acha que você escuta por semana? Tem ideia?

**Thamyres:** Ah depende. Porque alguns eu começo a ouvir e eu acho que não estão me interessando muito e eu paro. Ou é muito comprido e eu paro e aí continuo outro dia. Geralmente é um, dois no dia, no máximo. Dependendo do tempo que tem, porque tem alguns que são bem compridos.

**Tamiris:** Isso que eu ia te perguntar. A duração dos que você costuma escutar. . . Meia hora, uma hora, mais que uma hora. . .

**Thamyres:** Uma, uma e pouco.

**Tamiris:** Normalmente você fraciona se não tem a possibilidade de escutar tudo? Você pausa para continuar escutando em outro momento?

**Thamyres:** Sim, sim.

**Tamiris:** Depois que você começou a consumir, em 2018/2019, você acha que teve alguma mudança na forma do seu consumo? Você trouxe para outras atividades suas diárias? Você já chegou a dedicar um tempo exclusivo só para escutar? Do tipo “não vou fazer nada agora, vou focar agora nessa escuta”?

**Thamyres:** A única coisa que eu trouxe é isso mesmo. Que antes tinha no deslocamento e agora não. Mas eu nunca parei e falei “agora vou ouvir só podcast”, isso nunca aconteceu.

**Tamiris:** E você tem alguma dificuldade de concentrar? Assim, ou no podcast, ou na atividade que está exigindo mais atenção de você? Por exemplo, você está trabalhando e entra numa parte do podcast que você quer muito prestar atenção. Você tem que parar para prestar atenção ou o contrário, a atividade passou a exigir mais de você e você tem que parar de escutar aquilo?

**Thamyres:** Isso já aconteceu, mas é muito pontual assim. Depende muito, geralmente dá para levar os dois numa boa. Mas se tem alguma coisa que me exige muito a



atenção, ai eu prefiro parar pra não fazer merda.

**Tamiris:** E o que você busca? Qual o seu objetivo quando você escuta esses podcasts?

**Thamyres:** Hmm, boa pergunta. É, eu acho que acaba sendo conhecimento também. As vezes também é uma forma de você. . . Não sei bem a palavra, mas de você encontrar um apoio em alguma coisa, sei lá. Ah, elas estão falando sobre um assunto que me interessa. É um assunto sobre maternidade. E eu busco ali apoio. Nossa, isso acontece. Nossa, eu tinha essa culpa e agora estou vendo que não sou só eu, sabe assim?! É o que eu falo para uma amiga minha. . . Você quer ficar amiga daquelas pessoas que estão ali no podcast. Nossa, eu quero ficar amiga dessa pessoa porque é muito isso que eu vivo. Acho que é um pouco de apoio, sei lá.

**Tamiris:** Vou sair um pouquinho do podcast e entrar em uma outra parte. . . Você costuma realizar atividades simultâneas? Fazer duas, três coisas ao mesmo tempo?

**Thamyres:** Ai, sim. Muito. Às vezes eu to até assistindo a uma aula mas eu preciso. . . não consigo ficar sentada vendo só aquilo, eu preciso fazer mais alguma coisa. De repente eu boto o fone e vou fazer mais algumas coisas. Fone sem fio para mim é perfeito.

**Tamiris:** E aí você falou do fone sem fio. . . você acha que as tecnologias digitais afetaram essas atividades diretamente? Por exemplo, o fone de ouvido sem fio, é uma tecnologia que te deu liberdade para efetuar duas, três coisas ao mesmo tempo com mais facilidade?

**Thamyres:** Assim, para mim melhorou, porque eu consigo fazer duas, três coisas ao mesmo tempo. Mas talvez para quem é mono tarefa, talvez não né, fique perdido. Ai calma, o que eu faço agora? Mas acho que tem que tomar um certo cuidado, porque também pode te atrapalhar. Precisa ter um pouco de senso do que pode estar fazendo porquê de algum jeito aquilo vai te influenciar. Mas para mim, foi satisfatório.

**Tamiris:** E você acredita que exige uma exigência da sociedade atual em ser produtivo?

**Thamyres:** Ah sim, eu acho.

**Tamiris:** E como isso funciona para você? Como você se sente? E se você pudesse descrever em um sentimento, qual seria ele?

**Thamyres:** Eu acho que com essa questão da produtividade, essa demanda que busca, eu me sinto um pouco pressionada de sempre estar tendo que fazer alguma coisa. E quando você não faz, se sente meio culpada. Caramba, não estou fazendo nada. Será que é legal? Tenho tanta coisa para fazer, mas não quero fazer nada. Aí eu acho que rola um pouco da pressão da vida.

**Tamiris:** E você acha que essa pressão, essa exigência, você teve alguma mudança de comportamento referente a ela ao longo do tempo? Você acha que quando você era mais nova você lidava com essa exigência de uma maneira A e agora você lida de uma maneira B? Você passou a se cobrar mais, ou a se cobrar menos? Ou aprendeu a lidar com

isso ou não?

**Thamyres:** Na verdade, quando mais nova, eu não sentia tanta pressão. Sentia para aquilo que eu fazia na época. Mas hoje parece que a responsabilidade é maior. Eu acho que eu me sinto até mais pressionada. Mas tento lidar com isso da melhor forma para não pirar, para não entrar nessa pilha. Eu acho que eu até consigo lidar bem, assim, apesar que acaba gerando uma ansiedade. Mas eu consigo lidar bem. Por incrível que pareça, hoje eu acho que eu me sinto mais pressionada que antes, mas eu acho que eu lido melhor hoje do que antes.

**Tamiris:** E o que você fez para lidar melhor? Assim, qual foi a sua chavinha?

**Thamyres:** Foi a prática do yoga.

**Tamiris:** E como você puxou o yoga. . . você acha que a questão de viver o momento presente está ligado nisso? A filosofia do yoga, do que eu conheço, e a produtividade elas conflitam, inclusive nessa questão de fazer várias coisas ao mesmo tempo, você não tem atenção plena, que é justamente o que a yoga propaga. Você acha que está relacionado? E se sim, como você segura todos esses pratinhos?

**Thamyres:** Não seguro na realidade. Às vezes cai um ou outro e tudo bem sabe, deixei cair e paciência. Acho que é exatamente isso que pega. Eu não consegui mudar de repente. Talvez faça parte da minha essência eu estar sempre em movimento, sempre me movimentando. E o yoga me trouxe exatamente a aceitação disso. Antes eu não aceitava que eu estava em movimento e que não podia deixar nenhum prato cair, sabe? Acho que com o yoga ele mostrou que você é assim, está tudo bem, não tem como querer mudar o limite da sua essência e se o pratinho cair ta lindo, ta tudo bem. Você consegue pegar depois e segue. Foi isso que me ajudou.

**Tamiris:** Você falou “às vezes eu tenho tanta coisa para fazer e não quero fazer nada”, como você descreveria para você esse tempo de ócio? O que é esse tempo de ócio e ele existe, ele não existe? E também falar um pouquinho do tempo de lazer e o tempo de trabalho. Essa produtividade para você, afeta todos esses campos?

**Thamyres:** O campo de trabalho não afeta mais porque eu estou em home, né. E você consegue ter prazer em meio disso, dessa loucura. Meu filho está comigo. E eu moro em prédio, em condomínio. Eu levo ele um pouquinho lá embaixo, passeio com ele, que é aonde eu consigo estar ali no momento presente, de estar curtindo aquilo. Porque criança tem muito disso, ela te traz para o agora. Eles não vivem para o depois, eles vivem para o agora. O momento de ócio eu tenho, é raro, mas eu tenho. E as vezes eu acho que é até necessário esse tempo. Acho não, é necessário ter esse momento de ócio e tentar não se sentir culpado com ele. Quando eu estou vivendo esse momento de ócio e eu me permito, aí é delicioso. É o que eu queria.

**Tamiris:** Você acha que gera algum sentimento pós o tempo de ócio?

**Thamyres:** Se gera alguma coisa depois que passa? Não, não. Já aconteceu de sentir culpa mas “puts, perdi meu tempo ali, deveria ter feito isso daqui, ou aquilo ali”. Mas

aí você fala “ah cara, se eu não tivesse feito talvez eu não estaria fazendo com a entrega que eu estou fazendo agora”. Então, melhor assim.

**Tamiris:** E você acha que tem uma relação entre a produtividade e o ato de fazermos muitas tarefas ao mesmo tempo? Você acha que as duas coisas estão ligadas?

**Thamyres:** Acho que não necessariamente. Às vezes você está fazendo mil coisas e não está sendo produtivo como você gostaria. Acho que é essa a hora de colocar um pouquinho o autoconhecimento de “eu posso mais disso aqui e não está sendo entregue como eu gostaria porque eu estou com muita coisa para fazer, então eu preciso dar prioridade para algumas coisas para que aquela coisa ocorra espontaneamente”.

**Tamiris:** você acha que a questão de ter muitas coisas para fazer e ter que fazer o check em todas elas leva a multitarefas, mas ser multitarefas pode estragar a entrega e o resultado dessas coisas?

**Thamyres:** Acho que sim, acho que sim. Tudo vai depender do que são essas atividades, do que são essas tarefas. . . O quão ansioso você está para cada uma delas. E, dependendo assim, você consegue realizar bem. É meio complexo. Depende muito do seu dia, de quais tarefas você está realizando. Acho que é tanto possível realizar boas tarefas em um dia que você se propôs bem, como também pode acontecer de você ficar um pouco frustrado e falar “não rolou como eu gostaria” por conta da quantidade. Ai é trabalhar direitinho o dia pra ver o que você dá conta naquele dia e o que não dá.

**Tamiris:** Voltando pro podcast um pouquinho. . . Você acha, por exemplo, que se você só limpasse a casa sem escutar o podcast ou só se deslocasse sem fazer essa escuta, você acha que aquele tempo estaria sendo bem aproveitado ou ele ganha valor pelo conhecimento que você está procurando nessa escuta e você junta os dois?

**Thamyres:** Eu acho que é exatamente isso. Se eu estou fazendo alguma coisa, por exemplo, para casa, eu acho que estou perdendo tempo. Então peraí, deixa eu ouvir alguma coisa que me traga conhecimento, que me traga um estudo, uma aula que eu acabo fechando, ou o podcast mesmo que eu gosto de ouvir. Sempre traz um conhecimento, alguma coisa, um insight, uma indicação de livro, uma indicação de série e eu pego essas indicações.

**Nome: Mylena Dalbone. Idade: 36 Anos. Formação: Publicitária.**

**Tamiris:** Gostaria que você começasse se apresentando, qual seu nome, sua função, sua idade.

**Mylena:** Meu nome é Mylena. Você quer o nome completo? É Mylena Dalbone Santiago, tenho 36 anos, sou mãe-solo, divorciada. Sou. .... e essa é a parte que é mais importante, e o meu trabalho é o que mais me consome. Sou formada em publicidade e tenho uma especialização em Ciências do Consumo. Eu trabalho com publicidade, não sei

se isso é um impeditivo para você. . . Eu sou planejamento na Arc, do grupo Leo Burnett. Estou aqui a dois meses, trabalhando de home office desde o início da pandemia.

**Tamiris:** E você costuma assistir televisão? Seja TV linear, ou streaming? Ouvir rádio, ou ler jornal? Como você consome? Qual a sua maneira de consumir essas mídias?

**Mylena:** Eu consumia mais TV. Eu acho que tela de celular e televisão são os meios assim, óbvio além da internet, né, que estamos aqui em frente ao computador. Eu consumo bastante TV aberta e TV fechada eu prefiro os canais de filme e aqueles de culinária, decoração, são os conteúdos que eu mais consumo. Como eu disse, eu costumava assistir um pouco mais em função do trabalho. Acabo às vezes trabalhando 12, 13 horas por dia, pelo menos. Então tenho menos acesso hoje à tv. Então eu diria que acabo ficando mais concentrada em consumir conteúdo via computador e via celular. Eu assisto TV em média por 2 horas dia, máximo. Não mais que isso. Os outros meios, revista, jornal, eu diria para você que eu não consumo. E hoje os podcasts são outra forma de eu consumir informação.

**Tamiris:** E aí esse seu consumo de TV se dá como? Em que momento da sua rotina diária?

**Mylena:** Geralmente quando eu termino de trabalhar, quando o Rafael não está dormindo ou quando não está passando algum desenho do Youtube e ele me permite assistir. Eu diria que é minha hora de relaxar. Eu assisto uma série, algum desses programas de culinária. É um jeito de eu mudar um pouco o foco. A minha área existe tanto que eu leia, que eu busque informação, que as vezes eu acho que consumir esse tipo de conteúdo é um jeito de eu me desconectar da minha produção. Então geralmente quando eu assisto, assisto a esses programas de culinária e decoração ou séries.

**Tamiris:** E aí quando você está tendo esse consumo, é um tempo dedicado a esse consumo ou normalmente você está fazendo outra coisa enquanto você está assistindo a esses programas?

**Mylena:** Normalmente estou fazendo outras coisas. . . Se recebo alguma mensagem do trabalho acabo olhando, ou trocando mensagem com alguém por WhatsApp. é difícil eu focar exclusivamente em um único meio, sendo muito honesta contigo. Óbvio, se o Rafael me permitir. . . eu faço só isso, mas geralmente não é exclusivo. Eu estou fazendo outras coisas.

**Tamiris:** E você acha que antes do nascimento dele você tinha um tempo exclusivo de dedicação à isso?

**Mylena:** Ah, tinha. . . até ele nascer eu assistia muito mais TV, assim. É, principalmente de final de semana, pois eu acabava, quando eu não estava trabalhando ou fazendo alguma hora extra, acaba assistindo bastante série, bastante filme. Eu tinha um pouco mais de tempo para consumir essas mídias de forma geral, do que eu faço hoje, sabe?

**Tamiris:** Sobre podcasts, você falou que escuta. Há quando tempo você passou a consumir e quais são os podcasts que você anda escutando?

**Mylena:** Eu tenho ouvido muito Calcinha Larga, que eu diria, que dos três que eu

mais ouço, é esse, o Café da Manhã e o Nós da Sarah Oliveira com a Roberta Martinelli. mas o Calcinha Larga é o que eu mais ouço porque fala muito da minha realidade assim, de mulheres que estão mais ou menos na mesma faixa etária, que entrevistam outras mulheres que tem vivências sobre as quais eu me interessar, e produzem conteúdos sobre os quais eu me interessar. sobre comportamento, sofre o que é ser mulher hoje em dia e os significados, as relações interpessoais através da perspectiva da mulher, são coisas que me interessam bastante. Eu consumo especialmente elas porque é o principalmente tema do programa, sobre família, relacionamentos, tudo o que me interessa. E é óbvio, não é um conteúdo que eu consiga consumir de uma vez. O programa tem geralmente duas horas de duração. o tempo que eu consigo fazer geralmente é quando eu estou no banho. Deixo ali o programa transmitindo e aí eu vou fracionando os episódios. Às vezes eu levo a semana inteira para ouvir um episódio. É a maneira que eu consumo, o tempo que eu tiro para ouvir.

**Tamiris:** E faz quanto tempo que você começou a escutar?

**Mylena:** Pelo menos uns oito meses. . . Desde que eu me mudei, me separei na metade do ano passado. e logo depois eu quis procurar algo para mudar um pouco o foco, aquela coisa assim “puxa vida, deixa eu parar de pensar no fim do meu relacionamento, nesse história de ser mãe solo”, “será que é possível fazer isso?”, foi quando eu comecei a consumir informação e buscar experiência de outras mulheres que também passaram pelo o que eu passei de alguma forma. Foi o que me motivou a consumir esse tipo de conteúdo, especificamente o delas.

**Tamiris:** Então hoje, especificamente, o podcast está na sua rotina na hora do banho. Tem mais algum outro momento? Não sei, se dirigindo, ou lavando louça, ou se exercitando. . .

**Mylena:** Geralmente, quando eu tinha tempo de me exercitar, quando eu conseguia terminar de trabalhar antes das 20h. quando eu estava consumindo algum tipo de mídia era série, para conseguir focar na atividade física, na esteira. Era o que me permitia assistir alguma coisa enquanto estava fazendo atividade física. mas todo o resto eu não consigo. Pra mim, é a hora do banho que eu consigo fazer esse consumo.

**Tamiris:** E desde que você começou esse consumo, você disse que tem oito meses, teve alguma alteração na sua forma de escuta? Você começou escutando com atenção plena e depois passou a fazer outra coisa ao mesmo tempo, ou do jeito que você começou a escutar é o jeito que você escuta até hoje?

**Mylena:** Sempre do jeito que eu escuto até hoje. São pouquíssimas as situações em que sei lá, eu “ah, vou escutar um pouquinho antes de dormir”. Não, é bem difícil sabe, essa. . . nunca, que eu me lembre prontamente, sempre foi dessa forma, tomando banho e ouvindo.

**Tamiris:** Você falou um pouquinho, que você procurou podcast e encontrou o Calcinha Larga porque estava procurando parar de pensar sobre o fim do seu relacionamento e ser mãe solo. Eu posso dizer que esse foi esse objetivo na procura de podcast?

**Mylena:** Eu já tinha indicação de uma amiga minha, a Paloma, já tinha me mandado algumas vezes conteúdo. . . Mas eu nunca tive oportunidade de olhar com mais atenção. Eu sempre deixava para depois. Aí eu acho que foi um jeito de eu encontrar histórias, que eu, puxa vida, olha tem uma identificação com as situações que elas relatam, não só elas como outras apresentadores e as pessoas que elas levam para entrevistas.

**Tamiris:** Falando de outros temas, saindo um pouquinho de podcast. Você costuma realizar atividades simultâneas? Por exemplo, nós começamos a conversa e você estava falando que estava almoçando, dando de mamã.. Você olha para a sua rotina e está sempre fazendo algo ao mesmo tempo? Como é isso pra você?

**Mylena:** Eu acho que na nossa área de comunicação isso é muito comum. Eu acho que não é legal, pelo contrário, isso me impede de ter atenção plena e lembrar muitas vezes das coisas, porque estou fazendo uma, duas coisas ao mesmo tempo e acho que, de certa forma, essa profissão, quem atual na área de comunicação e especificamente na área de publicidade, eles demandam isso da gente, sabe?! Se tá numa reunião, estão cobrando tem que se preocupar para responder uma mensagem no WhatsApp, apitando algo no e-mail, tem que se preocupar com a reunião que vai acontecer logo em sequência. . . é muito difícil assim. Essa profissão especifica de deixar suficientemente focado em uma única atividade. E eu acho que isso se estende para outras coisas de um jeito muito orgânico e natural. Se eu fico doze, treze horas, do meu dia dessa forma, então todas as outras coisas que me sobram para fazer durante aquele dia ou nos finais de semana parecem que seguem o mesmo fluxo. Então, como você comentou, eu estou lavando louça, estou com a tela na câmera que está na sala com o meu filho e a minha avó. estou prestando atenção no que está acontecendo no ambiente, no Rafael que pode estar perto do fogão, tenho que estar ali alerta. Mas a maternidade também traz esse olhar de você não prestar atenção somente no que você está fazendo, mas naquele ser pelo qual você é responsável. Então junta a profissão, mais o momento de vida, o burnout está aí.

**Tamiris:** Você acha que as tecnologias digitais e as mídias afetam essas atividades? Por exemplo, você falou sobre o celular com a babá eletrônica. Você acha que está tudo interligado?

**Mylena:** Sim, muito. se não for com um livro, ou fazendo atividades ao ar livre, qualquer eletrônico, pode ser um celular, ou TV, eu acho que ele pressupõe esse exagero de informação. ou você consumindo ou sendo impactado por.

**Tamiris:** Eu queria saber um pouco sobre a sua percepção sobre a produtividade no mundo contemporâneo. Além do trabalho. . . falamos “ah, quem trabalha na área de comunicação e tudo o mais”. Mas você acha que isso é uma exigência da sociedade como um todo? Como que funciona na sua opinião?

**Mylena:** Eu percebo que sim. eu acho que em atividades que são um pouco mais operacionais, que não exigem esse nível de consumo de informação talvez esses profissionais tenham menos, sejam menos exigidos de alguma forma. mas eu acho que todos

esses em que você precisa estar na frente de um computador ou celular, de alguma forma, você está sendo impactado ou a sua função exige que você esteja atento ao que está acontecendo no ambiente profissional e fora dele, pois isso de alguma maneira impacta suas relações. Mas eu entendo que isso também exige de você uma responsabilidade muito grande em entender qual o limite disso tudo. E eu acho que nem todo mundo tem. Ou nem todo mundo percebe que está conectado. Você fala assim “puxa, eu fico duas, três horas conectadas todo dia”. Muito pelo contrário, dificilmente a pessoa entende que estar ali acessando ao email é uma forma de conexão, como consumo de informação e tudo o mais. E eu acho que tem esse medo de perder o que está acontecendo né, o tal do *fear of missing out*. Eu acho que é algo que impacta muito a gente, e deixa a gente muito maleável a isso, e tem data de validade. Não é possível viver uma vida normal com esse grau de necessidade. tem uma hora que a conta volta assim pra você. Para mim não é saudável. No meu ponto de vista, eu tenho 36 anos, sou mãe nova, sou mãe solo, precisei voltar para a casa dos meus justamente por conta disso. Tenho um bebê pequeno, então precisava de ajuda. Aconteceu tudo que diz respeito a pandemia. Mas eu me cobro muito até quando vou continuar nesse ritmo de trabalho, de entrega. porque não É saudável pra mim, pra relação com o meu filho, com as pessoas com as quais eu convivo. nunca é uma boa coisa quando a gente fala sobre esse grau de informação. muito pelo contrário.

**Tamiris:** Entendi. E se você pudesse descrever em um sentimento essa relação com a produtividade, você teria uma palavra?

**Mylena:** Angústia. É porque eu acho que isso gera uma frustração muito grande. Você está o tempo todo se cobrando de como poderia fazer mais e melhor. E defina o que é mais e melhor. Estamos sempre se comparando em relação ao outro. Estava até citando o caso de uma pessoa que trabalha comigo diretamente, ela manda mensagem a vezes uma hora da manhã, duas, três horas. E tem o Teams né. Eu uso o Teams como plataforma de comunicação. E eu instalei no meu celular, estou todo o tempo vendo as mensagens do grupo e dela em específico. Eu não vejo isso como algo saudável, mas ao mesmo tempo por vezes manda em grupos que estão os líderes da área. E você, como uma pessoa que está num nível hierárquico que está abaixo dessas pessoas, você se sente obrigado a responder, mesmo que dizer “olha, to ciente”. Dá uma angústia muito grande. Como se não bastasse eu tenho doze, treze horas de trabalho por dia, tenho que estar atenta a mensagem, ver o que vai acontecer no dia seguinte, olhar o que está atrasado, o que está adiantado. e como fica a minha vida pessoal? Não existe. Acho que depois da pandemia, em específico, os prazos diminuíram significativamente. A necessidade de consumir informação, os prazos hoje estão muito menores, pois pressupõe que o profissional que hoje está trabalhando de casa está o tempo todo a disposição da companhia. E ai quando você vê, colaboradores que são pares seus desenvolverem essas funções, muitas vezes você se vê obrigado a ter aquela mesma atitude mesmo que você não concorde. Você tem medo de perder o seu emprego, tendo que em vista o que está acontecendo no país hoje. É algo que fica

muito sensível. Será que vão achar que eu sou um bom profissional se eu não omitir uma opinião, se eu não responder uma mensagem? E tudo isso, pra mim, gera uma angústia muito grande.

**Tamiris:** E você acha que essa exigência de produtividade está na sua vida pessoal também? Com a sua família, ou com o seu filho? Ou com a sua individualidade? E como isso funciona para você?

**Mylena:** Ela está de alguma forma, no sentido de entender qual o tempo de qualidade que eu tenho com a minha família, em especial com o meu filho. Ter um tempo de qualidade com ele é ficar só com ele e não fazer nada, é brincar, é ler um livro para ele, é assistir a um desenho, é fazer alguma atividade física ao ar livre. E aí às vezes por conta de toda essa demanda que acontece comigo, pelo menos de segunda a sexta, chega o final de semana e eu só quero dormir. Mas eu tenho um filho pequeno e isso não é possível. Felizmente tenho uma boa rede de apoio que me ajuda, divide comigo essas responsabilidades, de dar atenção e estar atento as coisas que ele faz. É uma questão até de “deixa eu ver se ele não está aprontando nada”. Mas eu me cobro. Às vezes eu só queria descansar, não fazer nada. Fechar os olhos e não pensar em absolutamente nada. Mas é aquela máxima, puxa, tem um treinamento que eu não assisti pois eu estava ocupada fazendo outras coisas, mas ao mesmo tempo eu quero estar com o meu filho. E ao mesmo tempo eu aproveito as sonecas dele pra fazer alguma coisa, para assistir alguma coisa. E acaba que eu não descansi. Tanto que meus níveis de cortisol estavam hiper baixos. Fui ao médico e ele disse “Por conta do seu quadro do exame, pelo resultado que apareceu, você está muito próximo de desenvolver uma depressão”. Em alguns pacientes o cortisol está relacionado ao quadro de depressão. “Como você está emocionalmente?”. “Você está x, y ou z?” O que essa falta de sono, por conta de tudo isso que estou falando pra você, trabalho, filho, estava dormindo duas, três horas por noite só. Felizmente eu não fiquei doente, mas eu percebia que o meu rendimento também estava mudando, por ter dificuldade de foco, de lembrar das coisas, das palavras.

**Tamiris:** Então assim, o tempo de ócio, o tempo de lazer, o tempo de trabalho. . . Na sua escala, o tempo de ócio, ele existe?

**Mylena:** Existe. Menos do que eu gostaria, mas existe.

**Nome:** Daniele Padovani. **Idade:** 41 anos. **Formação:** Educação Física.

**Tamiris:** Você pode começar se apresentando. Nome, idade, profissão.

**Daniele:** Eu sou Daniele Padovani Emilio de Oliveira Madeira, tenho 41 anos, sou formada em educação física e rádio e tv. Trabalho na área de educação física já a vinte anos.

**Tamiris:** Você é professora?

**Daniele:** Sou professora de educação física no SESC Vila Mariana e locutora nas



horas vagas.

**Tamiris:** E você costuma assistir televisão? Seja linear ou streaming?

**Daniele:** Costumo.

**Tamiris:** E como se dá esse consumo?

**Daniele:** Nas minhas horas de lazer. Para mim ela é um entretenimento essencial assim, sempre foi. Eu não consigo me ver existindo sem televisão. Os streamings vieram mais recentemente na minha vida. Na maior parte do tempo eu sempre assisti tv aberta. E de uns dez anos para cá que eu comecei a ter acesso a tv paga. E os streamings de uns cinco anos para cá.

**Tamiris:** E como é a sua rotina com a tv? Você tem um tempo dedicado a ela e qual é esse tempo? Você assiste enquanto faz outra coisa?

**Daniele:** Durante a semana, em geral é a noite, costumo assistir umas duas horas de televisão mais ou menos. Não todo dia, mas quando eu tenho esse tempo eu costumo assistir. De final de semana, bastante. E aí às vezes vai tarde e noite, principalmente se for assistindo série. Para mim ela é quase como uma ocupação mesmo, tem hora até que fico incomodada comigo mesmo, que eu tenho outras coisas para fazer que são importantes e necessárias e estou ali assistindo televisão e deixando de fazer as coisas necessárias.

**Tamiris:** E o seu interesse no consumo de televisão é o entretenimento?

**Daniele:** É, entretenimento e distração. Principalmente antes de dormir. Eu tenho uma cabeça muito agitada, aí quando eu vou dormir eu prefiro ficar atenta com algumas outras coisas que me induzem ao sono e impedem que eu fique pensando na minha rotina, aí eu embarco no sono.

**Tamiris:** E rádio, você tem o costume de ouvir?

**Daniele:** Na pandemia aumentou bastante. Eu ouço todos os dias, inclusive ele está ligado agora.

**Tamiris:** E me conta como é esse consumo.

**Daniele:** Já faz um tempo que eu tenho escutado só a rádio Eldorado. Mas já passei por várias outras rádios. Tenho me mantido na rádio Eldorado agora por conta do tipo de programação que ela tem, que mistura música, informação, dicas de gastronomia, dicas de filme, dicas de série, então acho que é um repertório bem variado. Eu acho que até comentei quando um dos funcionários da Eldorado foi até a Cásper, eu até comentei que eu tinha a sensação de que estava ouvindo uma revista no rádio. É essa a sensação que eu tenho. Mas já passei pela cultura, pelas rádios populares, Nativa FM, Band FM, enfim.

**Tamiris:** E o rádio está sempre ligado enquanto você está fazendo outras coisas? Ou você senta e escuta o rádio?

**Daniele:** Eu gosto do rádio justamente por isso, pela oportunidade de poder fazer outras coisas enquanto eu escuto rádio. Então eu estou sempre fazendo algo e consumindo informação, novidades, música. Eu gosto muito por isso.

**Tamiris:** E jornal, você costuma ler, seja online, seja físico?

**Daniele:** Não, não tenho o hábito nem de ler físico nem ler pela internet. Às vezes uma notícia ou outra, eu escuto alguma coisa no rádio da qual eu não compreendi muito bem, perdi o fio da meada, aí sim eu vou buscar, mas não é algo que eu faça com muita frequência.

**Tamiris:** Você acha que teve alguma alteração na sua forma de consumir tv e rádio ao longo do tempo? Você acha que alguns anos atrás você consumia de uma maneira específica e hoje você consome de outra? Ou você sempre dedicou esse tempo noturno para a tv e esse tempo enquanto está fazendo outras coisas para o rádio?

**Daniele:** Eu acho que o tempo desprendido para fazer essas coisas talvez não tenha mudado tanto. Mudou a forma como eu consumo. Eu ia muito mais para uma linha popular e agora vou muito mais para uma área segmentada. Eu consumia muito tv aberta, programas clássicos como Caldeirão do Huck, Faustão, enfim. Esses bem populares. Hora do Faro lá. . . mas faz muito tempo que eu não assisto. Hoje eu fico muito mais na tv paga, vejo programas de culinária. Amo todos. Na tv aberta tem o Masterchef. Então assim, eu consumo muito, muito, muito, muito. E no rádio eu também sai um pouco dessas rádios populares e fui para a rádio Cultura, para a rádio Eldorado, que já é um outro segmento.

**Tamiris:** Legal. E entrando já um pouquinho nos podcasts. Há quanto tempo você começou a escutar?

**Daniele:** Não tem muito tempo não. Eu sempre ouvi rádio antes de dormir. Ai com esse negócio do celular veio o vídeo, e ai eu comecei a perceber que estava interferindo no meu sono ficar vendo a tela. E consumindo bateria. Então foi uma coisa prática assim. E eu percebi que eu poderia baixar o podcast e ouvir, sem necessariamente ter aquela luminosidade me incomodando. Só ouvindo mesmo. Então, acho que foi de uns dois anos para cá.

**Tamiris:** E quais que você costuma escutar?

**Daniele:** Eu gosto do Calcinha Larga. Não sei se eu estou falando uma grande besteira, mas o Calcinha Larga não é o feminino daquele Flow podcast, né?

**Tamiris:** Não, o Calcinha Larga é o da Camila Fremder, da Tati Bernadi, e da Helen.

**Daniele:** Eu não sei o nome de ninguém.

**Tamiris:** São três meninas que são mães.

**Daniele:** Tem o flow podcast que eu já escutei mas não gosto muito. Eu escuto mais pelo entrevistado do que pelas pessoas que estão entrevistando. Eu não gosto dos dois rapazes. Mas tem uma versão feminina, que são da mesma equipe. É que me fugiu o nome agora mas depois eu posso até te mandar por Whatsapp. Gosto do PODPAH, às vezes eu escuto. E um que eu consumi inteiro e agora acabou foi o da Rita Lobo, que ela entrevistava as pessoas, como é que surgiram os pratos e qual a relação das pessoas com a comida.

**Tamiris:** E como que essa escuta está presente no seu dia a dia? Geralmente você tem uma rotina para escutar esses podcasts?

**Daniele:** Geralmente antes de dormir ou quando eu estou andando pela rua. Quando

eu canso de ouvir música, porque às vezes meio que começa a me dar uma certa irritação, eu acabo colocando um podcast para ouvir. Tem um outro que eu não me lembro, mas tem algo sobre a cidade ser algo, um espaço melhor de se viver. Esse podcast em específico surgiu com um trabalho que tínhamos que fazer no SESC. E aí eu passei a consumir esse podcast que fala sobre cidades e é bem bacaninha.

**Tamiris:** Esses que você citou, da Rita Lobo e da cidade, eles tem a duração de quanto tempo mais ou menos?

**Daniele:** Trinta minutos em geral. Tirando as entrevistas do Podpah, no Flow, que às vezes demora mais de hora.

**Tamiris:** E aí você costuma ouvir eles inteiro ou você segmenta?

**Daniele:** Às vezes eu divido. Porque nem sempre, por exemplo, as vezes eu tô no trajeto de A a B, cheguei a B e não acabou. Aí eu pauso e vou ouvir em outro momento.

**Tamiris:** Semanalmente, quanto você acha que você escuta?

**Daniele:** pelo menos uns 30 minutos por dia.

**Tamiris:** Inclusive final de semana?

**Daniele:** No final de semana menos, porque aí eu fico muito mais na televisão.

**Tamiris:** E desde que você começou a consumir esses podcasts você teve alguma alteração na sua forma de escuta? Ou sempre foi quando você estava na mobilidade ou antes de dormir?

**Daniele:** Sempre nessas condições.

**Tamiris:** E você chega a escutar no banho, ou lavando louça?

**Daniele:** No banho nem tanto porque a acústica do meu banheiro não é legal. Eu não consigo prestar atenção no que fala porque o barulho não fica legal. Mas no geral antes de dormir com certeza, fazendo as coisas de casa se eu parei no meio de uma entrevista que estava interessante, eu volto logo para escutar. Não quero perder o envolvimento com aquele tema, senão eu esqueço depois também.

**Tamiris:** E qual o seu objetivo quando você escuta podcast?

**Daniele:** Às vezes eu escuto como uma forma de alternativa de jornalismo. Um jornalismo assim, mais aprofundado. Dependendo do que eu vou ouvir. Às vezes é uma pessoa mais interessante né, eu me ligo muito mais na forma de pensar das pessoas. Por exemplo, um dos últimos que eu vi, que é antiguiinho até, foi o Danilo Gentili no Flow Podcast. Eu não sou tão fã do Danilo Gentili, mas bom, deixa eu ouvir o eu ele tem a dizer. E teve coisas interessantes, coisas que eu não tinha parado para prestar atenção, que ele trouxe que eu pensei, poxa, isso foi muito pertinente. Eu não gosto de ouvir só coisas que me são pertinentes. Gosto de ouvir opiniões contrárias a minha para entender o todo. Eu não sei se chega necessariamente a ser um modelo de jornalismo, mas acho que é uma forma de pensar a vida.

**Tamiris:** Acho que da parte de podcast é isso. Vou fazer algumas outras perguntas. . . você tem o hábito de realizar coisas simultaneamente? Fazer duas, três coisas ao mesmo

tempo?

**Daniele:** Sim, sempre.

**Tamiris:** E como isso funciona para você? Quais são essas atividades?

**Daniele:** Por exemplo agora, antes da gente conversar. Eu estava cozinhando ouvindo rádio, ao mesmo tempo que eu cozinho eu estou lavando louça. A todo tempo eu estou fazendo alguma coisa. Então algo está sendo refogado, eu já estou guardando louça. Enfim, na cozinha essa dinâmica se dá muito bem. Mas no geral, sempre fica o rádio de pano de fundo enquanto eu faço outras coisas. Uma coisa que na época da faculdade eu gostava muito de fazer era estudar ouvindo música. Mas aí a loucura é: não podia ser música falada. Então em geral eu estudava ouvindo música clássica. E aí eu sentia que aumentava o meu poder de concentração. Se fosse com música cantada aí eu me distraía e começava a cantar a música.

**Tamiris:** E você acha que as tecnologias digitais e as mídias, a tv e o rádio, afetaram esse hábito de fazer duas ou mais coisas ao mesmo tempo?

**Daniele:** Olha, pra mim nem tanto. Eu sempre tive esse comportamento, muito antes de ser tudo digital. E eu acho que eu não me sinto. . . eu acho que não, não afetou a minha rotina. Eu sempre fiz isso da forma que eu estou te colocando, mesmo antes de existirem os podcasts, a tv paga.

**Tamiris:** Você acredita que existe uma exigência em ser produtivo?

**Daniele:** Ah sim, eu creio que sim. Pela sociedade como um todo e a autoexigência. Eu não me coloco muito nesse lugar não. Eu escuto porque eu gosto, porque me faz bem. Eu não me sinto obrigada a nada. Como diz a minha mãe, “eu não sou obrigada a nada”. É uma coisa que eu sempre fiz por prazer, eu acho que a minha relação com essa questão da produtividade se dá em outro lugar, não nessa de se sentir informado o tempo todo, de saber tudo sobre tudo. Eu não estou nesse lugar.

**Tamiris:** E onde é o lugar que você se sente?

**Daniele:** Acho que mais no ambiente de trabalho. No sentido de você estar bem-sucedido naquilo que você faz. Eu tenho uma inquietação muito grande de ser autossuficiente no meu trabalho, eu preciso ganhar o suficiente para me manter, manter minhas coisas sem depender de ninguém. Essa autonomia né. Acho que eu estou mais nesse lugar. Não necessariamente ao cargo. Não tenho essa pretensão, mas eu tenho esse desejo de ser autônoma né. Tem a ver um pouco com essa cobrança feminista né, da mulher ser dona do seu nariz, de não dever nada pra ninguém. Às vezes eu me sinto sobrecarregada né. A gente tem que estar bonita, tem que estar arrumada, tem que ser dona de casa, tem que ser uma excelente profissional. A gente sempre tem que estar produzindo, produzindo, produzindo. Então tem hora que. . . eu me vejo nesse lugar, que eu me canso e quando eu vejo é aquela hora que eu dou um “foda-se” e fico lá na TV. E quando eu saio de lá, vem aquela cobrança de “olha quando tempo você gastou nesse lugar fazendo isso e tantas outras coisas para fazer”

**Tamiris:** Você falou que escuta podcast porque quer se aprofundar enquanto está fazendo outras coisas. Você acha que isso é um retrato dessa exigência de produtividade?

**Daniele:** Acho que não. Acho que isso tem mais a ver com. . . eu me interessei muito pelas filosofias, pelo jeito do outro pensar. Então para mim é um momento de lazer. Não entra no aspecto de cobrança não, entra no aspecto de lazer. Eu me interessei pela opinião do outro.

**Tamiris:** Você estava falando sobre essa exigência de produtividade, de ser uma mulher e tudo o mais. Se você pudesse descrever em um sentimento, qual o seu sentimento referente a essa exigência para você?

**Daniele:** Cansaço.

**Tamiris:** Você acha que teve alguma mudança ao longo dos anos, na sua vivência, para atender essa demanda? Você acha que quando você era mais jovem você sentia mais ou sentia menos?

**Daniele:** A sensação que eu tenho era algo mais sobre ser algo novo e não saber lidar com aquilo. Acho que a pressão é a mesma. A diferença é que hoje eu lido melhor com essas cobranças, que eu mesma me coloco. Eu sempre trabalhei muito. A chama inicial de ser autossuficiente sempre esteve, mas hoje eu acho que eu me acolho mais. Antes eu vivia muito com o chicotinho “você tem que, você tem que”. Hoje não. É dar uma pausa nisso aí, vai cuidar de você. Mas eu acho que a cobrança ainda é igual.

**Tamiris:** Como você descreveria o seu tempo de ócio, de lazer e de trabalho? Eles existem em igual proporção? Algum deles não existe?

**Daniele:** Olha, nesse período pandêmico o lazer tem ficado bem a desejar das coisas que eu gosto de fazer. Tem voltado agora, mas nesse momento de recolhimento que todos nós passamos foi bem difícil. Eu sempre gostei muito de andar. Andar pra mim é um lazer. Não andar pensando em uma atividade física, é andar sem eira nem beira. Aquela coisa muito do, aquela pessoa que caminha e “ah, o que está acontecendo aqui?” e descobre uma loja, descobre algo. Eu sempre fui muito assim e nesse período pandêmico eu ficava mais deprimida do que qualquer outra coisa. Porque eu via as coisas fechadas. Literalmente fechadas. Comércio que não iam abrir mais. E agora eu tenho conseguido retomar, ir em um cinema, coisa que eu sempre fiz e gostei. Eu tenho conseguido fazer isso agora. O ócio pra mim em geral está sempre ligado a estar em casa e assistir tv. Que pra mim é ali que eu misturo com lazer. E o tempo de trabalho presencial ele tem sido pequeno, em casa as vezes ele exacerba a minha tolerância em frente as telas, porque o home office me cansa muito mais que o presencial. Eu canso verdadeiramente de ficar em frente às telas.

**Tamiris:** Você acha que essas outras atividades da casa está dentro do seu tempo de trabalho também?

**Daniele:** Eu iria como tempo de trabalho. Eu sinto como uma obrigação. Tem que ser feito, ninguém vai fazer se eu não fizer. É uma obrigação sim.

**Tamiris:** Tem uma obrigação entre a exigência de produtividade e o ato de multitarefas na sociedade atual?

**Daniele:** A mulher por si só já é multitarefa. E aí eu já não sei te dizer se é uma coisa natural ou socialmente imposta e a gente aprendeu a lidar de uma forma tão tranquila que isso praticamente já se naturalizou, que a mulher age dessa forma. Mas eu acho que sim, quando mais a gente sente essa pressão de dar conta de muito mais coisa. Eu tento não me colocar nesse lugar. Tem a ver e não tem a ver com o que a gente ta falando, mas eu fiz opção de não ter filhos, justamente por entrar nessa questão que é algo que eu posso escolher. Decidi não entrar nessa questão para não ter mais uma demanda. E parece até de forma racional que a criança é uma coisa que demanda. Não acho isso, muito pelo contrário. O filho nesse papel é um ser muito importante que merece a minha atenção, a minha dedicação e o melhor que eu tenha para oferecer. Mas nessa sociedade que a gente vive, eu acho que a gente acaba deixando o pior que a gente tem para oferecer para os nossos filhos. Então eu não queria estar nesse lugar. De viver me culpando por não conseguir dar um tempo bacana pro meu filho. Então eu optei por não ter e essa é uma questão muito resolvida pra mim e eu me sinto muito leve com isso.

**Tamiris:** A questão de ter um filho está ligada com você ter que se desdobrar em outras tarefas. . .

**Daniele:** E filho é isso, para a vida toda. E por ser talvez para a vida toda, a gente sempre deixa para depois aquilo que deveria ser feito agora. Tem até uma colega minha que fez um post esses dias. Ela é nova, mais nova que eu e era pra ela. Aquele post era pra ela. Que as vezes você está tão preocupada com a questão da casa de manter tudo em ordem, tudo bacana, que o seu filho está crescendo e você não está vendo. Só que o seu filho só cresce uma vez e as coisas da casa vão continuar. Então o que é prioridade? E a gente fica nessa né, priorizar aquilo que não tem valor né, e deixa de lado aquilo que vai ser pra sempre, é um pra sempre que não volta.

**Tamiris:** Você falou da exigência em cima da mulher. Você pode explorar um pouquinho mais isso?

**Daniele:** Por vivência minha, vivência familiar e como a mulher na sociedade. Ao compartilhar com outras colegas e amigas elas vivem a mesma realidade que eu, acho que é uma demanda que se vive cada vez mais. As pessoas estão se medicando cada vez mais, a divisão das tarefas né. . . acho que com a emancipação feminina a gente não abriu mão de nada. A gente já tinha esse hábito de cuidar da casa, e a gente conquistou espaço no mercado de trabalho. Mas pra o homem nada mudou, ele continua no mercado de trabalho. A gente continua tendo que dar conta da casa, dos filhos, do trabalho. Não bastava só estar trabalhando, você tinha que ser bem-sucedida no que estava fazendo, você tinha que estar em pé de igualdade com os homens. Que não é problema nenhum você querer a igualdade, mas ela não está se dando da mesma forma. Hoje, eu passei a olhar para os homens com essa cobrança. “olha, não ta dando. Eu to pifando literalmente”. Acho

que o homem não é nem que não entende, mas que não é exigido dele o que é exigido da gente. Tem isso e também tem uma parte que é nossa. Levei até uma questão dessas pro trabalho outro dia: “puxa mas eu vou ter que ensinar o homem a fazer?”, “sim, vai”, “mas é mais uma demanda”. Mas se você quer que ele aprenda, vai ter que ensinar. Porque eu percebo assim, em casa, meu marido. Ele decidiu lavar a louça. O escorredor de prato está o caos, a pia. . . Eu fico me perguntando se ele lavou a louça ou se ele sujou a pia porque eu não consigo entender o que ele fez, mas é o jeito dele de fazer. Então não faça que eu faço melhor. Aí eu comecei a parar com isso. Ele fez, tá uma bagunça, mas ele que fez. Agradeça e olha que maravilhoso, incentiva a fazer. Tem um pouco disso da mulher, que acha que faz melhor. E muitas vezes faz mesmo. Mas é isso a muitos anos. É alguém que está aprendendo a fazer e se propondo a fazer. Muitas vezes a gente não aceita por não ser tão bom quando a gente. A gente também vive com o chicotinho na mão. A gente reclama, mas é sempre deixa que eu faço.

**Nome: Roberto Porfírio. Idade: 52 Anos. Formação: Economia**

**Tamiris:** Se você puder começar se apresentando, o seu nome, sua idade, formação e no que você trabalha hoje.

**Roberto:** Meu nome é Roberto, tenho 52 anos, sou formado em economia e tenho um comércio de autopeças.

**Tamiris:** Você costuma assistir televisão? Seja ela aberta, ou por assinatura, ou streaming?

**Roberto:** Mais por streaming. Eu não tenho muito tempo, fico muito tempo aqui na empresa e depois vou pra casa assistir alguma coisa. Assistio mais séries mesmo e filmes.

**Tamiris:** E você assiste todo dia?

**Roberto:** Praticamente todo dia. Um filme, alguma coisa, eu assisto todo dia.

**Tamiris:** Entendi. E sempre no final do dia, sempre à noite?

**Roberto:** Sempre à noite. E de final de semana, quando estou em casa, é uma maratona de streaming.

**Tamiris:** E você tem o costume de ouvir rádio?

**Roberto:** Também. Hoje eu costumo ouvir quando ligo o carro e estou indo para casa. Eu ligo na CNN para ir ouvindo. Antes eu ouvia muito Jovempan, mas por apoiar muito o governo eu saí fora. Eu acho que ser um pouco mais independente ia ser bem melhor.

**Tamiris:** E falando sobre a TV. . . Você tem o costume de deixar a TV ligada e ir fazer outra coisa ou quando você vai assistir TV você está ali, focado na TV mesmo?

**Roberto:** Então, eu mesmo gosto de ficar focado né. Mas quando eu não estou assistindo e outra pessoa está, eu fico mais fora da TV. Geralmente eu gosto de travar ela. Quando você está vendo um filme né, você trava para você entender o que está acontecendo. Agora, quando é outra pessoa assistindo, eu deixo ligada pra ir ouvindo.

**Tamiris:** E o que você busca, qual o seu objetivo pra assistir TV?

**Roberto:** Então, eu sou uma pessoa que gosta de ficar muito bem informada. Eu gosto muito de jornais, eu vejo muito esporte, futebol, gosto de basquete.

**Tamiris:** Você acha que o seu consumo de rádio, ou televisão, mudou ao longo do tempo? Você acha que antes você consumia de uma forma e agora você consome de outra?

**Roberto:** Sim. Mudou muito. Porque antigamente eu até trabalhava longe de casa, dava uns 12, 13kms e eu ouvia muito mais rádio. Então, no final de semana também, eu ouvia muito mais rádio. Hoje, como tem muito streaming né, você põe lá no podcasts você tem tudo lá. Lá tem música. Por isso eu gosto de ir pra casa ouvindo notícia. Você não tem mais tempo pra isso né.

**Tamiris:** E falando sobre podcasts. . . Quanto tempo faz que você começou a escutar?

**Roberto:** Olha, tem um ano. Um ano, um ano e meio mais ou menos.

**Tamiris:** E quais que você costuma escutar?

**Roberto:** Medo e Delírio, gosto muito do Foro de Teresina e tem uns outros mas esses são os que eu mais gosto de ouvir.

**Tamiris:** E você tem uma rotina pra escutar podcast? Por exemplo, você escuta quando?

**Roberto:** Eu ouço na hora do almoço, que eu fico mais tranquilo e em uma hora dá pra ouvir. Como tem mais ou menos uma hora cada podcast, dá pra ouvir mais tranquilão. Ou em casa, que eu coloco o fone de ouvido e fico ouvindo, porque se não dá pra prestar atenção no que está ocorrendo, no que estão falando.

**Tamiris:** E aí, quando você escuta, por exemplo, quando você está almoçando você está comendo e escutando. Em casa, você está fazendo alguma outra coisa enquanto escuta?

**Roberto:** Não, aí eu paro só pra ouvir. Eu paro pra ouvir pra prestar bem atenção. Depende do que tá falando, do que tá rolando, eu até deixo pra ouvir depois. Por aí você não vai entender o que tá falando enquanto você tá fazendo uma outra coisa. Eu gosto de ouvir, prestar atenção nas satirinhas que estão falando, para você pegar direitinho. . .

**Tamiris:** Quando você acha, de horas, que você escuta semanalmente? Você escuta todo dia?

**Roberto:** Todo dia. Todo dia o Foro de Teresina, que eu acho que são três, e o Medo e Delírio que eu acho que são quatro por semana. Então todo dia eu assisto os dois ou praticamente um dos dois.

**Tamiris:** E desde que você começou a escutar, desse um ano pra cá, você alterou a sua forma de escuta de alguma forma?

**Roberto:** Muito, muito. Eu tinha algumas visões assim bem fechado né, politicamente. Eu tinha uma outra visão de direita e esquerda, e mudou muito a minha opinião. Eu já era meio esquerda né, meio não, eu sou esquerda né. Mas eu entendi a esquerda de uma outra



forma, e acabei votando no rapaz de direito que não, jamais. Até pela minha cor. . . Por tudo. Eu me arrependo ao máximo de ter votado nesse cara.

**Tamiris:** E na sua forma de escuta, quando você começou a escutar, você sempre tinha essa dedicação de parar e escutar? Ou você começou, sei lá, escutando no carro. . .

**Roberto:** Como eu falei pra você, eu escutava no carro mas não prestava atenção. Porque você está no trânsito, você tem que olhar pro lado, olhar pro outro. Às vezes você tá ali mas não tá prestando muita atenção não. Mas depois que comecei a ouvir esses podcasts, parei para prestar mais atenção nas frases, nas pessoas falando. E para interpretar de uma maneira assim, não ele falando “é aquilo”, mas você tem que interpretar o que acontece. Por isso escuto três, quatro notícias. Pode ser a mesma notícia, mas dependendo de quem tá falando, você muda de opinião. Então é muito importante ouvir três quatro pessoas dentro de uma mesma questão pra você saber o que que está acontecendo.

**Tamiris:** E qual que é o seu objetivo? Por que você procura podcast? O que você procura neles?

**Roberto:** Ah, eu gosto de ouvir podcast porque assim, eles têm uma informação mais centrada daquilo que você está procurando. Então você tem uma visão mais ampla, mais dinâmica daquilo, de uma economia, de um, da área da saúde, de política, do senado, o que está ocorrendo dentro do senado, dentro do congresso.

**Tamiris:** Você tem o hábito de realizar tarefas simultaneamente? Duas ou três tarefas ao mesmo tempo?

**Roberto:** Sim, sim. Aqui na empresa eu tenho que fazer três coisas assim. Hoje em dia está assim. Então, eu faço bastante coisa. Mas é aquele negócio, se faz um, dois, tres, quatro, você para e hum, tá errado aqui. Então você tem que fazer com calma, mas eu faço várias, várias. . .

**Tamiris:** E na vida pessoal, também? Nos afazeres domésticos ou na sua hora de lazer?

**Roberto:** Eu fecho aqui a empresa e a semana inteira eu ajudo minha esposa, lavo louça, faço comida. . . O que eu posso ajudar em casa, varrer, colocar comida pro cachorro, trocar a água, levar ao banho. Ai volto pra casa, vou à feira, vou ao mercado, em casa sou eu também.

**Tamiris:** E você acha que as tecnologias digitais e as próprias mídias, a TV, o rádio, eles afetam a capacidade de você fazer atividades simultaneamente? Ajuda, atrapalha, tem algum impacto?

**Roberto:** É, então. . . É que assim, eu sempre fui assim, sempre fui mais dinâmico. Sempre quis ajudar, desde que a gente casou. Então não é de hoje que eu mudei, faz muito tempo. Isso desde a minha formação, por ver a minha mãe trabalhar fora e dentro de casa e o meu pai não ajudar muito. . . Eu queria ter uma forma de um dia ajudar muito mais a minha esposa. Então não mudou a minha maneira de pensar.

**Tamiris:** E quando você está fazendo essas atividades em casa, normalmente você

faz duas coisas ao mesmo tempo? Por exemplo, lavando louça enquanto espera a máquina com roupa terminar de bater? Ou você “agora eu vou lavar a louça” e você só lava ou “agora eu vou cozinhar” e só cozinha? Como é essa sua dinâmica?

**Roberto:** A dinâmica é assim, eu gosto muito de cozinhar e também não gosto de ver louça suja. Então vai sujando e eu vou lavando. Então enquanto eu coloco alguma coisa para cozinhar, eu vou lavando aquela coisa que eu já fiz, praquele monte de louça que fica depois não sobrar para a patroa. Então você vai fazendo sempre essa troca. Eu faço o almoço, já vou lavando a louça do que eu estou fazendo, e depois tomo uma e vou dar aquela relaxada ouvindo uma música. Eu gosto muito de ouvir música quando estou fazendo esse tipo de serviço. Ai eu gosto de ouvir um samba, de repente colocar um rock. Eu sou muito eclético para música.

**Tamiris:** Isso que eu ia te perguntar. Essa música que você ouve, normalmente você coloca no aplicativo, não é rádio?

**Roberto:** Antigamente era rádio. Mas agora com o aplicativo eu coloco no Spotify e deixo lá tocando. Já tem a playlist, aí às vezes vem um pouco de rock, um pouco de samba, de jazz.

**Tamiris:** E você acha que tem uma exigência na sociedade, no mundo atual hoje em ser produtivo? Em toda hora estar produzindo coisas?

**Roberto:** A cobrança é muito grande. A cobrança hoje é. . . Você tem que ser dois, três para cobrir a tarefa de um. Quer dizer, você precisa ser um para cobrir a tarefa de três. Hoje a nossa empresa reduziu muito as contratações e tudo, está passando por um momento muito difícil. Quem ficou acaba se sobrecarregando e fazendo mais.

**Tamiris:** E qual o seu sentimento quanto a isso? Você se sente impactado diretamente? E se você pudesse falar uma palavra, um sentimento, qual seria?

**Roberto:** Massacrante. Eu estou a 16 anos aqui na empresa e há 16 anos eu não tiro férias. Eu só pego às vezes um final de semana de feriado pra ficar em casa, mas mesmo assim se o feriado tem janela eu não posso não abrir. Então eu trabalho sábado até 12h, 13h e volto segunda para trabalhar. Então é uma coisa assim, massacrante. Você está vegetando porque praticamente não tem vida social. Vida social você até tem porque você sai e tudo mas chega uma hora que você fica saturado.

**Tamiris:** Então você acha que essa produtividade acaba afetando até o seu tempo de lazer?

**Roberto:** Muito stress, muito stress. Causa muito stress.

**Tamiris:** E você se sente exigido de alguma forma por essa produtividade na sua vida pessoal? De você adquirir conhecimento ou fazer outras coisas?

**Roberto:** Sim, precisaria fazer outros cursos outras coisas e não tenho tempo hábil para isso. Sai daqui seis, seis e meia, e tem o Luke, tem que ir buscar peça, depois volta e aí já é oito, nove. Geralmente eu ia todo final de semana para Itaquaquetuba porque tinha reunião da empresa, ai voltava três, quatro horas da tarde do sábado. Agora eu to fazendo

de quinze em quinze dias praticamente, ou uma vez no mês. Então não tem muito tempo hábil pra fazer qualquer coisa não.

**Tamiris:** Você tem tempo de ócio? Que é aquele tempo que você não faz nada? E só descanso?

**Roberto:** Gostaria. Mas não tenho. Às vezes falo para o pessoal “Olha, não sou máquina”. Chega uma hora que fica sobrecarregado. As vezes saio daqui pego o cachorro levo para dar banho depois volto para casa, e saio de novo. Eu saio daqui e continuo trabalhando.

**Tamiris:** E eu queria saber, pra gente encerrar, se essa exigência de produtividade influencia diretamente nessa questão da gente fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

**Roberto:** Certamente, a sociedade sempre cobra alguma coisa. Se você trabalha pouco é porque você poderia fazer mais, se trabalha muito o pessoal ainda acha que você está fazendo pouco. E muito é coisa da sociedade. A sociedade cobra muito que você tem que ter um carro novo, uma casa nova, então assim, para essa parte eu não ligo. Se você for dar ouvido a tudo que as pessoas falam você não vive mesmo. Eu olho o que eu consigo ter e o que eu posso ter. Mas a sociedade cobra. E se você deixar, ela vai te sufocar.